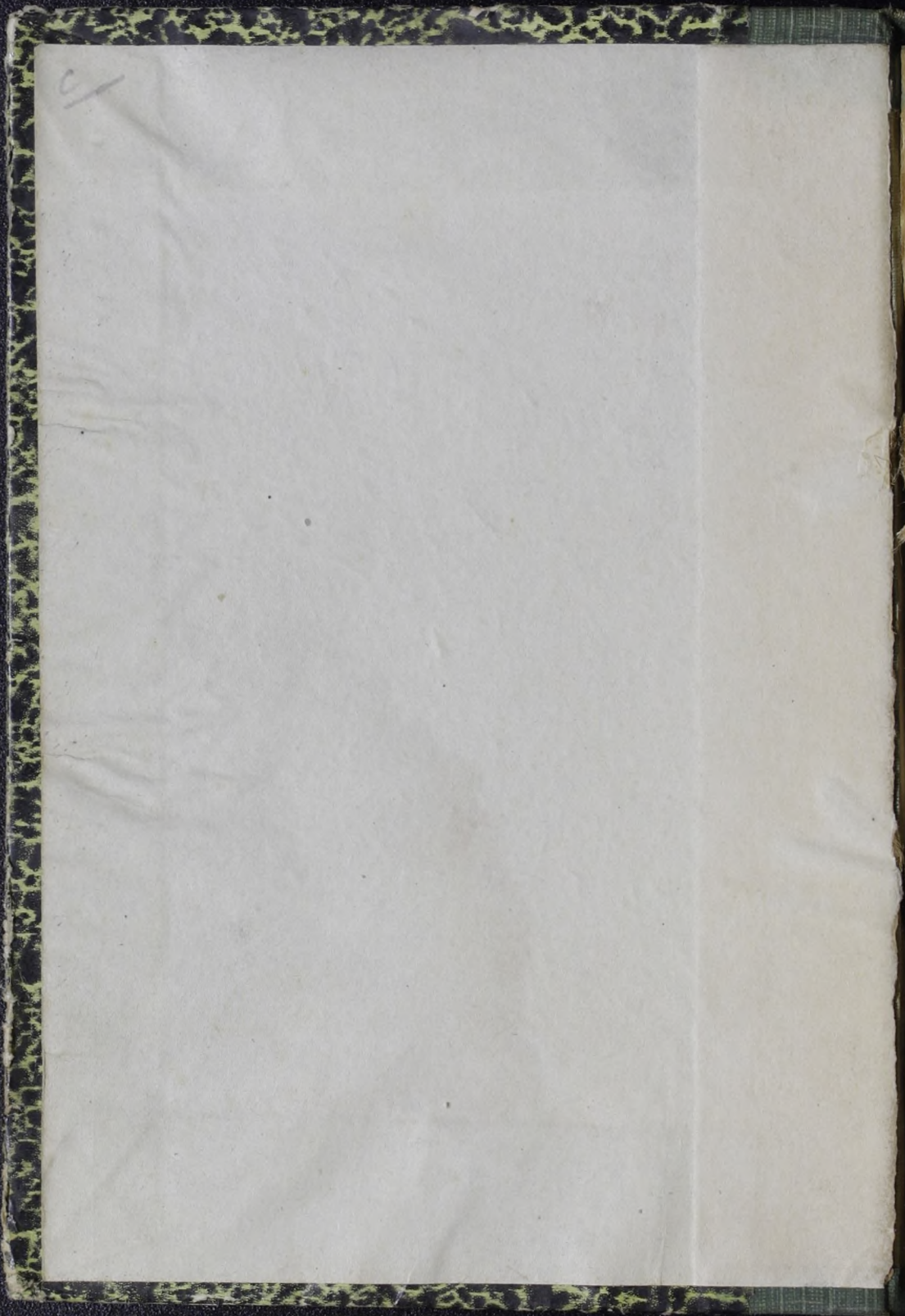
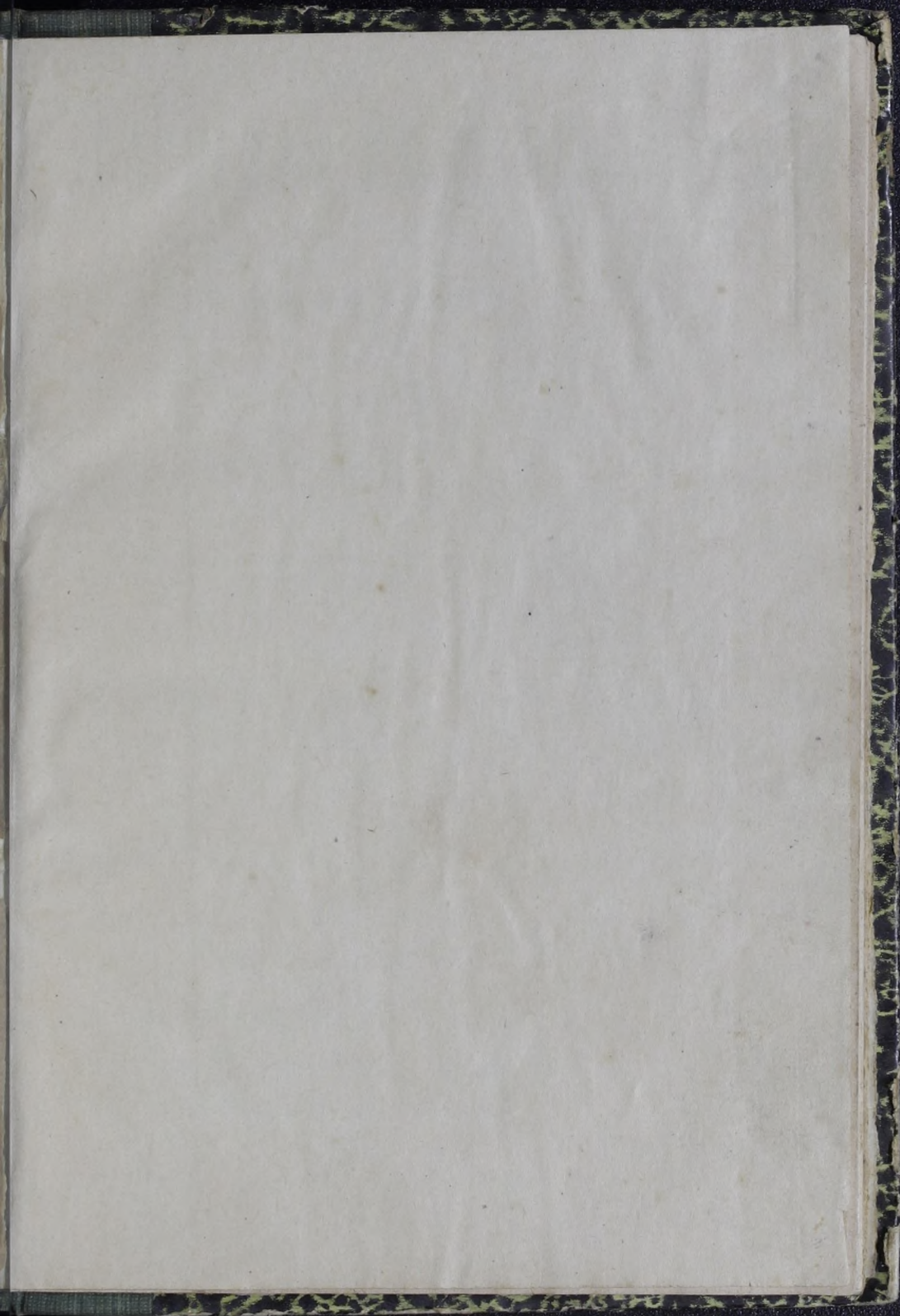


LAGRIMAS DE MARIA







150. X

23  
C

# LAGRIMAS DE MARIA

DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO

POR

FRANCISCO CORRÊA VASQUES

*De*

RIO DE JANEIRO  
NA LIVRARIA POPULAR DE

A. A. da Cruz Coutinho—Editor

73 Rua de S. José 75

1876

A' VENDA NA LIVRARIA DE A. A. DA CRUZ COUTINHO

75

Rua de S. José

75

**Scenas comicas do Vasques :** O Sr. Domingos fóra do sério !!! 500 rs.; O Diabo no Rio de Janeiro 500 rs.; Ah! como eu sou besta! 500 rs.; As Pitadás do Velho Cosme, 500 rs.; Os namoradss da Julia, 500 rs.; O menino Monclar, 500 rs.; O Rocainbole no Rio de Janeiro, 500 rs.; O Sr. Joaquim da Costa Brasil, 500 rs.; Um dos taes, 500 rs.; O Orphéo na roça. parodia em 4 actos. 1\$; Um actor sem theatro, 500 rs.; Os Dous Infernos, 500 rs.; Um bilhe! um bilhete para o beneficio do Graça, 500 rs.; Viva o circo Grande Oceano, 500 rs.; O Vasques pelos ares, 500 rs.; D. Rosa assistindo no Alcazar a um espectáculo extraordinaire, 500 rs.; A Orph , 500 rs.; Por causa da Emilia das Neves, 500 rs.; O Gymnasio de roupa nova, 500 rs.; O Brasil esmagando o Paraguay, 500 rs.; O Zé Pereira Carnavalesco, 500 rs.; O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar, 500 rs.; O Graça e o Vasques, 500 rs.; Joaquim Sacristão, 500 rs.; A Questão Anglo-Brasileira, 500 rs.; O Advogado dos Caixeiros, 500 rs.; O Orphéo na Cidade, 1\$; O Fim do Anno, 500 rs.; Aguentem-se no balanço. 500 rs.; Variações de flauta, 500 rs.; A honra de um taverneiro, comedia.

**Dramas :** Os Pupillos do escravo, 1\$500; Os Dous Irmãos, 2\$; Vampiros Sociaes, 2\$; Mysteries do Alcazar, 2\$; O Poder do Ouro, 2\$; José do Telhado, 2\$; Os Apostolos do Mal, 1\$500; Os Lazaristas, 1\$; Punição, 2\$; Mãe, 1\$500; Pedro, de Mendis Leal, 1\$500; Abel e Cain, 1\$500; Justiça, 1\$; O Orphão e o Mendigo, 2\$; O Sargento-Mór de Villar, 1\$500; O Porta-bandeira do 99 de Infãia, 1\$500; Cynismo, Scepticismo e Crença, 2\$; Os homens que riem, 2\$; A Noite de Natal, drama de costumes portuguezes, 2\$. A Pupilla dos Negros Nagós, 2\$; Alvaro da Cunha ou o cavalheiro de Alcazarquibir, 2\$; Lagrimas Perdidas, 1\$; Trabalho e Caridade, 1\$500; O Alfaceme do Santarim, 1\$; Luiz, 2\$; Os homens de Cera, 2\$; Amorgalinha de Val-Flór, 1\$; A Negação da Familia, 1\$500; Os Voluntarios da honra, 1\$500; Lourencinho, 1\$500; Como os Anjos se vingão, 1\$500.

**Comedias :** A Expição, 2\$; Direito por linhas tortas, 2\$; O Defeito de familia, 1\$; Amor com amor se paga, 1\$; Meia hora de cynismo, 1\$; Remissão de Peccados, 2\$; Romance de uma velha, 1\$500; O Primo da California, 1\$; O Typo Brasileiro, 1\$; O Rocainbole Junco, 1\$; A Afimada do Barão, 1\$500; Um por outro, em 2 actos, 1\$500; Quem porã mata caga, 1\$; Um quello a espeto, 1\$; A Saia Balão e o collarinho de papelão, 1\$; Diaba, Defunto e Militar, 2\$; Falar verdade e mentir, 1\$; O Caminho da Forta, 1\$; Descantos, 1\$; O Protocollo, 1\$; O Filho de Minerva, 1\$500; Devedores e credores, 1\$; A Viuva do meu amigo, 1\$; A Emancipação das mulheres, 1\$500; As Tres Graças, 1\$; Um par de calças, 1\$; Bernardo na Lua, 1\$; A Filha do Administrador, 1\$500, e outros.

## PERSONAGENS

---

Dr. Matheus.....	Medico.
Julio da Costa.....	Rapaz rico.
Maria.....	Sua mulher.
Amelia.....	Filha da mesma (5 annos).
D. Custodia do Amparo.....	Velha beata.
Angelina.....	Moça do tom.
Joanna.....	} Suas companheiras.
Eufrazia.....	
Firmino.....	Rapaz de recursos.
Joaquim Pato.....	Velho gaiteiro.
Manoel.....	Velho criado do doutor.

Um tity.  
Um fidalgo.  
Um velho.  
Um dominó.  
1.º Mascara.  
2.º Dito.  
1.º Rapaz.  
2.º Dito.  
Um laçao de Angelina.  
Outro de Julia.

---

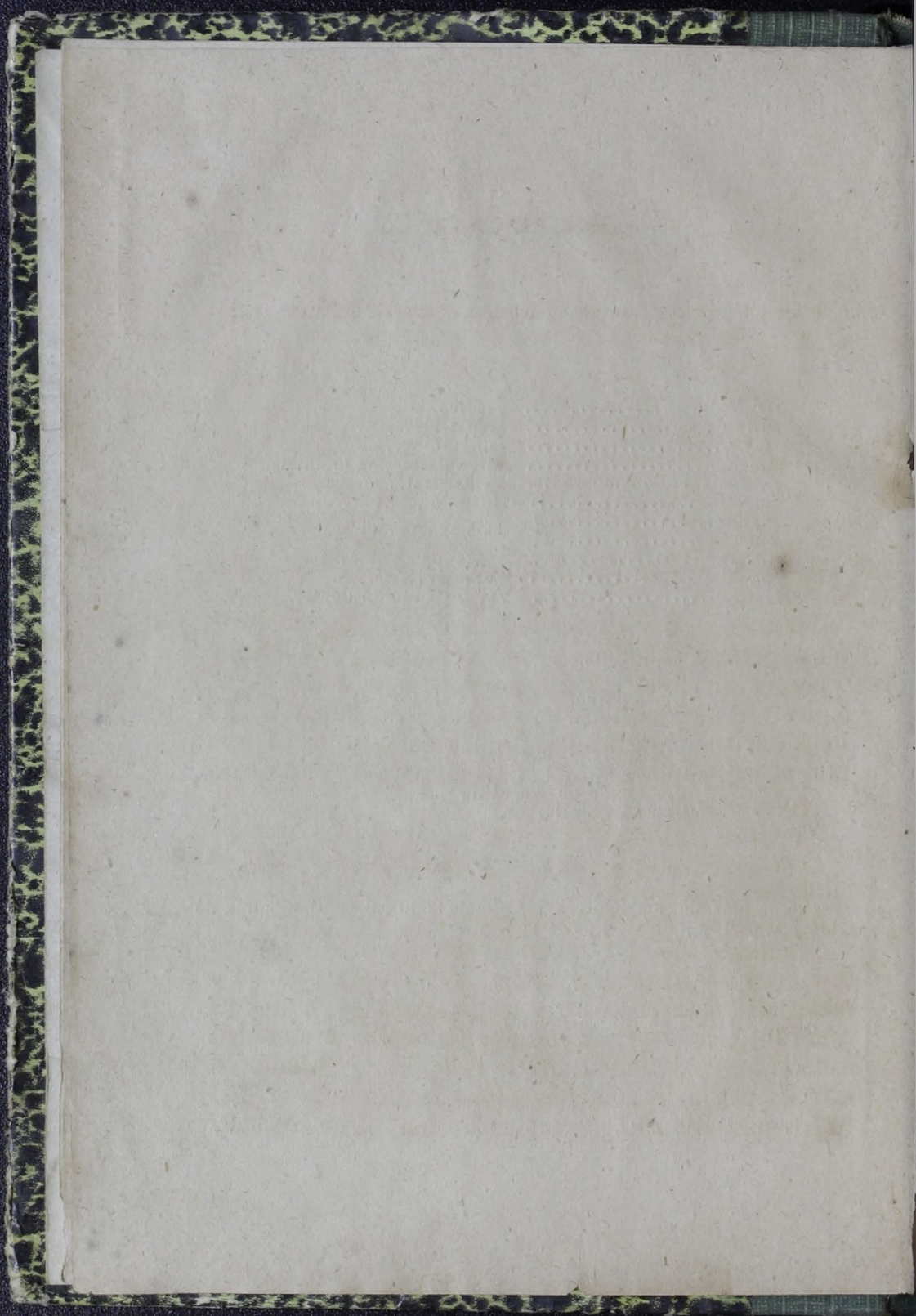
Mascarados de ambos os sexos, homens do palanquim, banda de musica, porta-estandarte, povo, etc., etc.

---

Acção passa-se no Rio de Janeiro.

---

E'poca actualidade.





## ACTO I

O theatro representa a casa de Angelina, ricamente mobiliada ; sofá à direita, piano à esquerda, mesa de jogo, etc., etc.

### SCENA PRIMEIRA

ANGELINA E FIRMINO (no sofá.)

ANGELINA.—Meu caro Firmino, estás hoje com umas idéas....

FIRMINO.— Que queres tu?... Pensar diversamente é que seria a maior de todas as asneiras. Dizem que o mundo divide-se em cinco partes, e eu entendo que o devo resumir em duas. Uma parte composta de tolos e outra de espertos. Agora deixar que os primeiros logrem os segundos, seria uma parvoíce digna de palmatoadas...

ANGELINA.— Que queres então que eu faça?...

FIRMINO.— Aquillo que tens obrigação de fazer, a minha fortuna e a tua.

ANGELINA.— Não te comprehendo.

FIRMINO.— Não ha nada mais simples. Fui eu quem te lançou n'este mundo, onde a vida é toda positiva e material. A ampulheta do tempo para as mulheres como tu, *corre* rapida como o pensamento, levando em cada grão de arêa um traço de belleza e juventude. A estrada por onde caminhas é uma ladeira ingrime que te faz galopar, máo grado teu. No fim está o abysmo,

e ai de ti se não tiveres força bastante para suster o animal. Encontrarás a tua gaveta vazia, tendo por consolação a cabeça cheia de cabellos brancos e o semblante enrugado.

ANGELINA.— E' o que eu digo; estás hoje de uma severidade.... Creio, porém, que não tens razão. Até hoje ainda não faltei ao meu contracto para contigo; tenho cumprido á risca os meus compromissos, e não vejo motivo....

FIRMINO.— No presente. E o futuro quem responde por elle? As scenas que ultimamente se passam n'esta casa não me agradam. Apresentei-te uma roda capaz de fazer a tua independencia em cinco annos, e essa roda fugio toda d'esde que percebeu a predilecção que tinhas pelo Sr. Julio da Costa.

ANGELINA.— Predilecção? !... Pois eu posso lá ter predilecção por ninguem?... Julio é um homem rico, e creio que já tem provado bem quanto é cavalheiro, apezar mesmo de ser casado.

FIRMINO.— Não digo o contrario, mas noto em ti uma certa mudança d'esde que elle frequenta a tua casa. Não o tratas da mesma fórma que os outros; tens para com elle certas meiguices de uma verdadeira dama de camelias, e eu não gastei o meu tempo para ver a minha obra estragada. Deixa-me primeiro ganhar a minha vida, e cuida depois da tua regeneração.

ANGELINA.— Regeneração! Bonita palavra, mas cuja significação foi riscada do meu dictionario. Regenerar-me, para que? Para ter de humilhar-me diante d'aquelles para quem eu hoje olho soberana e altiva?....

O throno da mulher perdida é um throno de ouro. Que importa que os seus degrãos assentem sobre ali-

cerces de lama? Os nossos admiradores, os nossos vasallos não se acovardam, e dão a vida quando podem beijar um brilhante da nossa corôa, ainda quente muitas vezes das lagrimas da ultima familia que desgraçamos!

FIRMINO.—Ora graças! Parece que me vais comprehendendo, minha rainha. D'essa fórma conta commigo. Continuarei a ser teu ministro, encarregando-me de todas as pastas. O que nós precisamos é de dinheiro, muito dinheiro, e d'aqui a meia duzia de annos formaremos então a nossa independencia.

ANGELINA.— Julgavas então que eu estava apaixonada por esse homem?

FIRMINO.— Em vocês não ha que fiar. Uma hora estão pelos pés, outra estão pela cabeça. Nunca se póde saber ao certo o que vocês querem, até hoje nunca te vi tão agarrada a um homem como a este, e então...

ANGELINA.— Parvo que tu és! E dizes que tens experiencia do mundo. Tu não vês que ha capricho da minha parte em alimentar a paixão de Julio? Não adivinhaste que o meu orgulho e o meu amor proprio estão feridos por aquella que lhe pertence pelos laços do matrimonio? Não sabes que Julio tem deixado de vir á minha casa por imposições de sua mulher?... Não sabes que ella, a honesta, declarou guerra a mim, a perdida?... O Dr. Matheus vem todos os dias á minha casa; elle está empenhado na luta, e quer a todo o custo restituir Julio ao seio de sua familia, Oh! não hão de conseguir! e ainda que eu tenha de alliar-me ao diabo partirei mais esta cadêa de familia, e ergueirei triumphante a bandeira do meu orgulho!

FIRMINO.—N'esse caso conta tambem commigo, e se te posso ajudar n'alguma cousa....

ANGELINA.— Ah! tu podes tudo, de ti depende talvez o bom *exito* da minha empreza!

FIRMINO.— Como?....

ANGELINA.— Tu não frequentas a casa de Julio?

FIRMINO.— Sou seu visinho fronteiro. Vou lá unicamente quando elle me manda chamar para fallar de ti.

ANGELINA.— E' quanto basta. E' preciso fazer a côrte á mulher de Julio.

FIRMINO.— Oh! lá isso agora é mais sério.

ANGELINA.— Tens medo?

FIRMINO.— Não, porém creio que é trabalho perdido, e eu não gasto o meu tempo a tóa!

ANGELINA.— A' tóa, quem sabe?....

FIRMINO.— Sei eu. A mulher de Julio é um modelo de honestidade.

ANGELINA.— Modelo! Tambem tu? Pois é esse modelo que quero partir, é essa honestidade que me incommoda, que eu quero fazer *desapparecer*! Basta que Julio, no momento em que estiver bem preso por mim, saiba que sua mulher é cortejada por um homem, e eu ganharei a minha causa; tenho certeza d'isso. Posso contar contigo, não é assim?

FIRMINO.— Espera, não precipites os acontecimentos. Quem é que me garante a pelle?

ANGELINA.— Tens medo, e queres fazer fortuna? Pois olha, asseguro-te que este passo talvez te fizesse ganhar alguns contos de réis.

FIRMINO.— E o resultado?....

ANGELINA.— Nenhum. Julio evitará o escandalo, eu o prepararei para isso.

FIRMINO.— N'esse caso é negocio decidido, sou teu em carne e osso.

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS E CUSTODIA

CUSTODIA.— (*Entrando.*) Dá licença, lindinha ?

ANGELINA.— Oh ! entre, eu a esperava com impaciência.

FIRMINO.— Sua benção, vó-vó, quantas missas engulio hoje ?

CUSTODIA.— Não é da sua conta. Aqui está porque eu ás vezes fujo de vir ver a lindinha. O Sr. Firmino está sempre disposto a faltar-me ao respeito.

ANGELINA.— Vamos, Firmino, deixe a D. Custodia. Creio que sabes que sou bastante sua amiga para não tolerar esses gracejos.

FIRMINO.— Não vai a zangar, vó-vó. Acredite que sou incapaz de molestá-la.

CUSTODIA.— O senhor é um perverso, incapaz de fazer bem a ninguem. Não visa senão o seu interesse, e desconhece que n'este mundo nós devemos amar ao nosso proximo como a nós mesmos.

FIRMINO.— Pois olhe, vó-vó, Vm. está enganada ; a senhora é a proxima a quem eu mais estimo na vida.

CUSTODIA.— Pois guarde a sua estima para o tinhoso, seu... não sei que diga.... ai ! que este homem é capaz de me fazer dizer alguma heresia ! Credo !

ANGELINA.— Vamos, socega, Firmino. Não faça caso, D. Custodia, elle tem aquelle genio, mas é bom rapaz e gosta da senhora.

CUSTODIA.— Não duvido ; mas eu não acho graça nas suas brincadeiras. Para elle tudo é pilheria ; ouvir duas missas por dia é pilheria, ir a uma festa é uma

pilheria, assistir a um sermão é uma pilheria, tudo, tudo serve de base para o gracejo destes senhores, que nem sabem o principio das obras de mirericordia !

FIRMINO.—Protesto. Até ahi chego eu. As obras da Misericordia foram principiadas pelo finado José Clemente Pereira,

CUSTODIA.— Ora isto não se atura, vou-me embora. Lindinha, até amanhã.

ANGELINA.— Fique D. Custodia. Firmino vai ver se a Joanninha e a Eufrasia já vieram do Cassino, e vem com ellas.

FIRMINO.— Vou já, porém antes ei-de fazer as pazes com a vó-vó. Não quero que ella fique mal commigo nem que me guarde odio.

CUSTODIA.— Póde ir descansado, eu não odeio ninguém.

FIRMINO.— Dê-me então uma prova.

CUSTODIA.— Como ?

FIRMINO.— Respondendo a uma pergunta que lhe vou fazer, cuja resposta me é muito necessaria.

CUSTODIA.— Póde fazer a pergunta.

FIRMINO.— Promette responder a verdade ?...

CUSTODIA.— Eu nunca menti.

FIRMINO.— Veja lá.

CUSTODIA.— A mentira é um peccado tôrpe.

ANGELINA.— Então Firmino, vaes ou não vaes ?

FIRMINO.— Vou já, onde está o meu chapéo ? (*procura-o*) Ah ! eil-o aqui. Até logo vó-vó. (*vai a sahir.*)

CUSTODIA.— Então o que é que queria saber ?...

FIRMINO.— (*Na porta.*) Em que mez é que começam as novenas de S. Thomé ?... Ah ! ah ! ah !... (*sáe*)

SCENA TERCEIRA

CUSTODIA E ANGELINA

CUSTODIA.—(*benzendo-se e fazendo figas*). Eu te arre-nego, tinhoso !.. Vai para as arêas gordas, deita n'agua salgada e não me appareças, tentação malefica! Gato preto, pé de pato, pescoço de avestruz, truz, truz, tres vezes cruz !...

ANGELINA.—Mesericordia, D. Custodia, você assim dá cabo do pobre rapaz !...

CUSTODIA.—Olhe, lindinha, isto ainda acaba mal. E' por causa destes e outros que havemos de ter uma chuva de raios no Rio de Janeiro.

ANGELINA.—Longe vá a sua prophecia.

CUSTODIA.—Pois não é assim ? estes hereges não merecem outra coisa. Criticam de todos, escarnecem tudo, vão para a igreja namorar as moças e dar biliscões nas velhas ; ouvem uma missa sem attenção nenhuma, tratando dos negocios da praça ; notam erros de grammatica nos sermões dos padres, como se isso fosse possível. Emfim, até já passou na camara o arrazamento do castello só para encommodar os pobres barbadinhos.

ANGELINA.—Qual não pense nisso. Fique certa que ha muita gente que sente e faz justamente o contrario.

CUSTODIA.—Felizmente. Eu cá estou n'esse numero; tenho orgulho de o dizer. Embora me chamem carola, que importa ? Vou todos os dias duas vezes ao castello ! Gosto dos frades está acabado, ainda hoje lá estive.

ANGELINA.—Então já sei que se esqueceu da minha commissão !...

CUSTODIA.—Não esqueci, lindinha ; é que estive tão occupada hoje que não me foi possível vir mais cedo. Eu entreguei o seu bilhete ao Sr. Julio.

ANGELINA.—Onde estava elle ?...

CUSTODIA.—No seu escriptorio.

ANGELINA.—O que respondeu ?...

CUSTODIA.—Que uma circumstancia alheia á sua vontade o impediria talvez de vir ; mas que faria todos os esforços para satisfazer o seu convite.

ANGELINA.—Talvez não venha... é muito provavel.

CUSTODIA.— Não acredito. Elle ficou tão pálido quando leu o seu bilhete ; perguntou-me a que horas era a ceia e ficou pensativo.

ANGELINA.—Oh ! é a mulher que o prende. Seja como fôr, ei-de partir esta cadêa que me encommoda os nervos.

## SCENA QUARTA

AS MESMAS E O DR. MATHEUS

DOUTOR.—O medico cá está ; se houver alguma apoplexia por causa da ceia, o doente não morrerá por falta de sangria.

ANGELINA.—Oh ! Dr. venha cá, já estava com saudades suas.

DOUTOR.—Sim ?...

ANGELINA.—Pois duvida ? Ora diga-me como tem passado ?

DOUTOR.—Alto lá, menina; não entre na seára alheia essa pergunta pertence-me de facto e de direito. E' ao medico que compete saber como tem passado.

CUSTODIA.—(baixo.) Lindinha eu vou-me embora ;



este Doutor gosta tambem de me dizer pilherias, e depois, eu tenho que resar o terço em casa da comadre. Até amanhã. Você tem ahi dois mil reis? E' para comprar uma vela que prometti a S. Joaquim.

ANGELINA.—Tome, (*dá-lhe*)

CUSTODIA.—(*alto*) Até amanhã. Boa noite Doutor...

DOCTOR.—Então já se vai, D. Custodia; é com a minha chegada?...

CUSTODIA.—Não, Doutor, eu tenho que fazer.

DOCTOR.—Ah! D. Custodia, a senhora é uma mulher feliz!...

CUSTODIA.—Porque Doutor? .

DOCTOR.—Tem uma saude de ferro. Com a senhora, a medicina não lucra nada. Os boticarios devem-lhe ter muita raiva.

CUSTODIA.—Tenha eu saude que com a raiva d'elles pouco me importa.

DOCTOR.—É como não ser assim? Veja, D. Angelina, examine a côr d'estas faces, a vivesa destes olhos; deixe-me vêr o pulso. (*toma-o*) decididamente não me engano; é uma construcção innabalavel!... A senhora só póde morrer...

CUSTODIA.—(*assustada.*) De que Doutor, de que?...

DOCTOR.—De uma indigestão de novenas.

CUSTODIA.—Boa noite! Eu logo vi. (*sae apressada*).

## SCENA QUINTA.

O DOCTOR e ANGELINA

ANGELINA.—Então, doutor, recebeu o meu convite?...

DOCTOR.—Não precisava d'elle para vir, sou seu medico e além d'isso sou seu affeiçoado. Como medico

cumpre-me fazer-lhe uma grave censura. Não é com a continuação d'estas ceias, nem com essa vida agitada que passa, que as minhas receitas lhe produzirão effeito. A responsabilidade do medico não deve ficar assim exposta aos caprichos de uma louquinha, que não sabe que de dia para dia arruina a sua saude, caminhando a passos largos para a cidade da morte.

ANGELINA.—Quem déra que fosse hoje!...

DOCTOR.—Não diga isso. A continuar assim, é possível que o medico se retire; mas fica o afeiçãoado que lhe diz de todo o coração: Angelina, cuide da sua saude, tenha pena de seu corpo e de sua alma. A senhora tem uma molestia que progride espantosamente. Se o medico não pôde tratar do seu corpo, deixe ao menos que o afeiçãoado purifique a sua alma.

ANGELINA.—Doutor, acredite que lhe fallo a verdade. Gosto de o ouvir, mas as suas palavras fazem-me o mesmo effeito que as suas receitas, que nunca me saem da gaveta. O meu mal progride? deixal-o, tanto melhor. Muita gente estimará isso. Cuidar da minha alma, para que? Fugir do mundo; passar o pouco tempo que me resta de vida na calma, no arrependimento e nas orações? !... Quem acreditará n'isso?... Poucos, e esses mesmos dirão: coitada, foi uma tola em deixar-se morrer assim!... A mulher perdida cumpre a sua missão; é como a peste; deve passar, levando consigo as victimas e a maldição de todos. Ellas são necessarias no mundo, doutor. O que seria das estrellas se não houvesse sol?... Para que a virtude appareça com todas as suas galas, é preciso que haja a infamia!... O mal faz conhecer o bem; o vicio torna a pureza luminosa; para que a probidade seja respeitada é preciso que existam ladrões; um brilhante

de primeira agua no meio de outros, não brilhará por certo tanto, como aquelle que estiver no meio de pedras falsas. E' á vista do pó negro dos nossos vestidos de sêda que se dá o verdadeiro valor ao branco vestido de cassa da mulher honesta!...

DOUTOR.—Concordo com a segunda parte, mas discordo completamente da primeira. Porque razão não se ha de acreditar no seu arrependimento sincero, desde que a senhora o queira tornar efficaz?... Então porque a fatalidade atirou-a n'este oceano encapellado, segue-se que ninguem a poderá salvar do naufragio?... Quando um doente meu apresenta os signaes de uma gangrena no braço, faço-lhe a amputação immediata antes que a molestia progrida e lógro por esta fórma á parca que já afiava a toda a pressa a sua foice. A senhora é boa, Angelina; o que a mata é o seu amor-proprio, é a sua vaidade de moça. O que lhe custa é deixar esta vida, em que a sua vontade é a unica soberana, para escravisar-se a uma outra rainha que a tornaria sem duvda mais feliz e que se chama resignação!...

ANGELINA.—O doutor tem razão, este mal é incuravel; deixem-me chegar ao fim. Creio que não terei de que me arrepender.

DOUTOR.—Quem sabe?...

ANGELINA.—Oh! tenho toda a certeza.

DOUTOR.—Louca, a aurora de um dia brilhante é muitas vezes o prenuncio de um occaso tempestuoso!... A calma e a placidez das ondas no alto mar, servem de prologo para uma tragedia que ninguem teria adivinhado. Fui moço, fui extravagante, tambem julguei que devia sugeitar o mundo á minha vontade; caro paguei o meu arrojo. Cada ruga do meu semblante, e

uma estrada por onde caminham as lagrimas do meu arrependimento.

ANGELINA.—Que diz, doutor ?

DOUTOR.—A verdade. Isto não lhe pôde interessar; porém permitta-me que lhe levante uma pequena ponta do véo do meu passado.—Era joven, estudante, e no meio de todos os prazeres a que a mocidade se dedica, lembrei-me um dia que devia ter uma amante. Facil me foi conseguil-o, era rico e não era feio; duas qualidades que me recommendavam bastante: Quando meu pai soube dos meus amores já eu tinha uma filha. Meu pae não me quiz ouvir, não me deu tempo nem para baptisar o pobre anginho; fez-me embarcar para a Europa immediatamente, onde completei os meus estudos. Quando voltei, tinha-se passado muito tempo, e já não encontrei nem mãe nem filha. Onde estará portanto essa criança, que deve ter hoje vinte quatro annos de idade?... Será feliz, estará viva, estará morta?... A duvida é uma ancia terrivel!... Aqui está porque eu lhe tenho fallado tantas vezes em um futuro que a senhora não quer realisar. Vendo-a, lembro-me de minha filha e tenho medo de adivinhar ao que estará reduzida! Já vê que eu tinha razão. Soffro muito. Quando no jardim da mocidade eu colhi o botão de uma roseira, não percebi o espinho que me devia ferir na velhice.

ANGELINA.—Tenha esperanças, Doutor, hade enconral-a, e se eu poder ajudal-o...

DOUTOR.—Impossivel! Todos os meus esforços tem sido infrutiferos. Para minorar os meus soffrimentos, faço por me tornar util ao meu semilhante o maior numero de vezes possivel. Quando enchugo uma lagrima, quando posso tornar alguma creatura feliz,

desviando-a do máo caminho, tenho grande satisfação. Embora me sacrifique, nessas occasiões dedico sempre uma saudosa recordação á lembrança d'aquella, que talvez neste momento, amaldiçõe o author de seus dias.

ANGELINA.—Eu sou uma dessas creaturas a quem o Doutor dispensa os seus bons conselhos e a bondade immensa do seu coração. Infelizmente, a minha viagem está quasi terminada, seria inutil voltar para traz ; não teria tempo, nem luz sufficiente para chegar ao ponto da minha partida.

DOCTOR.—Nunca é tarde para se praticar o bem, e por mais escura e tempestuosa que seja a noite da nossa vida, quando se tem no coração um arrependimento sincero, a luz da nessa consciencia illumina a montanha sagrada e nos faz vêr a mulher do calvario abraçada aos pés da cruz. Magdalena é o symbolo do arrependimento, é a imagem divina da redempção !...

ANGELINA.—Gosto de ouvir, Doutor, porém torno a repetir-lhe : as suas palavras não me fazem effeito. Essas ondas espumantes de verdade, batem-me no ouvido, mas recuam diante do rochedo frio do meu coração estragado,

DOCTOR.—Se a senhora quizesse ainda talvez fosse possivel tudo. Por exemplo, podia começar por desprender-se de Julio. Praticaria com isso uma acção digna de louvores.

ANGELINA.—Não sou eu que o tenho preso, elle pôde abandonar-me quando quizer. A unica coisa que faço é tratá-lo bem, não posso desprezar um homem rico e que diz que me ama. Isso seria ir de encontro aos meus interesses. Ainda não vi negociante que espantasse a sua freguezia.

DOUTOR.—Oh! Angelina, não falle assim. Se a senhora visse como eu tenho visto a mulher de Julio, essa santa de amor e de bondade, derramando lagrimas que queimam, pela continua ausencia de seu marido, a quem adora no mundo; se a visse abraçada com a seu pequena Amelia, ou rezando junto do berço de um menino enfermo, pensaria diversamente. E quando esse quadro de um soffrer sublime, não lhe tocasse a alma, teria ao menos compaixão d'aquellas tres creaturas, cuja existencia a senhora envenena dia por dia, hora por hora, minuto por minuto.

ANGELINA.—A culpa não é minha, Doutor, eu sou a peste, devo passar e destruir. Mas enfim, eu vou fazer todo o possivel para satisfazel-o, e apenas Julio chegar . . .

DOUTOR.—Basta que comece amanhã. Hoje estou certo que não virá.

ANGELINA.—Olhe que se engana, Doutor.

DOUTOR.—Não é possivel. Julio tem um filho quasi a expirar e não abandonará, pelo menos hoje, o berço do enfermo.

LACAIO.—(na porta.) O Sr. Julio da Costa pergunta pela senhora.

ANGELINA.—Já vê, Doutor, que se enganou. Manda-o entrar.

DOUTOR.—Elle?!...

## SCENA SEXTA

OS MESMOS E JULIO

JULIO.—Querida Angelina. (*beija-lhe a mão.*) Mais bella do que nunca, Negocios imprevistos fizeram-me

demorar e por isso não vim a mais tempo para junto de ti : (*vendo o Doutor.*) Oh Doutor está por cá ?

DOUTOR.—Cá estou no meu posto. O medico nunca é de mais em uma enfermaria.

JULIO.—Como ? ha por aqui algum doente ?

ANGELINA.—Pareco-me que não.

DOUTOR.—Creio que a loucura é uma grave enfermidade ; e quando eu não tivesse a certeza de que ella existe n'esta casa, sinto, pelo menos, o calor de uma febre que nos ha-de escaldar a todos.

JULIO.—O Doutor adivinha, é a loucura da paixão, a febre do amor que existe em meu peito ; para que negal-o ?... Diante de Angelina eu me sinto verdadeiramente feliz. Para este mal, para esta enfermidade, como o Doutor lhe chama, ella é o unico medico que me póde tratar.

DOUTOR.—Porém se Angelina te faltar, cá estou eu para te amarrar a camisola e tepôr o competente caustico na nuca.

ANGELINA.—Pois acredita, doutor, que Julio esteja n'esse caso ? . . .

DOUTOR.—Pelo menos o juizo é inquieto que não móra mais n'aquelle sobrado.

JULIO —E' que o amor occupa a casa inteira.

DOUTOR.—Cuidado com esse morador ; é travesso de mais, póde incendiar-te a propriedade, sou de opinião que a ponhas no seguro.

ANGELINA.—Temos muita agua na cidade.

DOUTOR.—(*Com intenção.*) A quem diz ! . . . Conheço até nma fonte que não cessa de correr, está collocada na chacara de um amigo. Póde chamar-se a fonte do desespero, é original e interassante. Representa uma mulher que chóra. Cada uma gotta d'agua que se des-

prende d'aquelles olhos, vai depositar-se em um grande receptaculo, a que podemos chamar o tanque das lagrimas. Julio conhece bem essa fonte, mas creio que ella seccará sem que possa ao menos humedecer as cinzas quentes que devem com certeza ficar da terrivel catastrophe ! . . .

ANGELINA.—Fiquem conversando, eu vou dar algumas ordens e já volto.

JULIO.—Até já, meu anjo. (*Angelina sae.*)

## SCENA SETIMA

DOUTOR e JULIO

JULIO.—Eu comprehendi perfeitamente a sua allusão, doutor.

DOUTOR.—Não era muito difficil.

JULIO.—Porém não posso acostumar-me a que o doutor me julgue culpado. E' possível porventura dominar os impulsos do meu coração? . . Ainda não faltei com os meus deveres, nem com as obrigações que contrahi para com aquella que se ligou a mim. Dou-lhe tudo, isto que está acontecendo é a consequencia de me ter prendido cedo de mais.

DOUTOR.—Sim, tens razão; dás-lhe tudo; tambem não sei a razão porque ella chora?... Tem casa, carro, sustento, brilhantes, vestidos, tudo quanto póde querer uma mulher; que lhe importa que o marido lhe appareça poucas vezes ou nunca?... A mulher não deve tomar o marido ao serio, deve consideral-o um traste inutil. Elle vai para a esquerda, ella que vá para a direita. Ha nada mais estravagante n'esta vida de que



o amor conjugal? Desgraçado do marido a quem tal acontecer!

JULIO.—Não tanto, doutor, eu estimo minha mulher, o que eu não quero é vêr a minha liberdade privada.

DOCTOR.—Apoiado, e fazes muito bem; o homem é livre, a mulher é escrava. O matrimonio é um laço que liga duas creaturas, o homem cujos direitos e superioridade são incontestaveis, desata a ponta que o prende, porém tem sempre o cuidado de amarrar a outra ponta no pescoço da parte que fica; e eil-o pois no mundo gritando como tu: sou livre, quero gosar a minha mocidade. O que acontece? a parte que fica, acompanha todos os seus gestos, todos os seus movimentos, todos os seus passos, e não querendo manchar a sua pureza, estorce-se ao aperto d'esse laço recebido á face do altar, que seu marido transformou na corda de linho do mais vil de todos os carrascos.

JULIO.—Oh! doutor, quanta severidade.

DOCTOR.— Não é severidade. é justicia. Acha o meu amigo Julio que o seu lugar é aqui? acha justo que sua mulher esteja a esta hora agarrada ao berço de seu filho, quasi a expirar, enquanto o senhor se agarra a uma mulher cujo unico fim é fazel-o representar um papel tristissimo na comedia da sua vida?...

JULIO.—O doutor engana-se, Angelina ama-me, tenho provas d'isso.

DOCTOR.—E o que vale esse amor?... paga elle porventura o soffrimento que causa? O teu dinheiro compra os sorrisos d'esta mulher, porém creio que não acharás moeda com que possas pagar uma só lagrima que fazes cahir sobre o soalho do teu lar domestico. Desde hontem que não vais a casa. Se te não merece

nada a esposa, vai ao menos vêr teu filho prestes a partir para o céo.

JULIO.—O doutor quer assustar-me, o meu pequeno Julio não ha de morrer assim de repente.

DOCTOR.—Talvez a morte te faça essa fineza; esperará para quando tu tiveres vontade que elle morra.

JULIO.—Os medicos são sempre assim. Aggravam as molestias para que as suas curas tenham mais valor. Quer-me parecer que amanhã vou encontrar meu filho quasi restabelecido. A molestia das creanças illudem muito.

DOCTOR.—Póde ser até que o encontres de perfeita saude. Para que diabo estudei eu ? abaixo a sciencia e viva o teu raciocinio paternal. Assim é que é viver, fóra o medico, fóra o amor de pai, lugar ao homem da moda e viva a pandega !

### SCENA OITAVA

OS MESMOS, ANGELINA, EUFRAZIA, JOANNA, JOAQUIM  
PATO E FIRMINO.

FIRMINO.—(*entrando com as duas pelo braço.*) Apoiado Doutor, viva a pandega ! aqui lhe trago duas formosas marrecas com o seu competente pato ; já não falta tudo.

EUFRAZIA.—Já tu começas a dizer tolices !

J. PATO.—Não faças caso, elle bebeu cerveja comigo no cassino, por isso ficou espirituoso.

FIRMINO.—Outro tanto não lhe aconteceu, heim meu velhote?... Oh prodigiosa natureza, como tu és immensa ! Este pato nunca sae do serio está sempre no chôco.

ANGELINA.— Com effeito, vocês souberam demostrar-se

JOANNA.— O spectaculo prolongou-se.

FIRMINO.— E houve rôlo ; escusado é dizer que eu não perco estas cousas ! . . .

J. PATO.— Não lhe gabo o gosto. Por dá cá aquella palha, é caseudos e pontapés que vae tudo raso. Antes de hontem, na occasião de um dos costumados sarilhos, vou procurar a Eufrazia e um patife passe-me uma rasteira e atira commigo por cima de uma mesa.

JULIO.— Devia ter-se machucado.

J. PATO.— Nem por isso. O diabo é que rasguei um par de calças novas.

EUFRAZIA.— Em que lugar !... Nunca vi um rasgão mais inconveniente.

J. PATO.— Está bom ninguem lhe pergunta por isso.

FIRMINO.— Quizeram depenar o pato, heim ?... Antes lhe tivessem rasgado a pelle. (*Julio e Angelina conversam no sofá.*) Era mais uma cura para o nosso Dr. Matheus.

DOCTOR.— Não costumo a tratar de patos, gosto mais de operar gaviões.

JOANNA.— Ora apanhe lá essa senhora engraçada.

FIRMINO.— Oh ! o Doutor é um homem rico, não se incommoda com pequenas cousas ; prefere operar gaviões ; sempre é passaromais gordo. E' como a febre amarella ou o colera-morbus. Durante uma epidemia o medico engorda, vae aos hospitaes, mata por atacado, e a porporção que as sepulturas se enchem de cadaveres, elle vae enchendo igualmente as algibeiras de notas do banco.

DOUTOR.—Ainda isso não é nada. Se nós podessemos tratar de todas as epidemias ficaríamos ricos muito mais depressa e receberíamos as benções de muita gente.

J. PATO.—Ha alguma epidemia que o medico não possa tratar d'ella?... não conheço.

DOUTOR.—Oh! se ha.

JOANNA.—E' molestia perigosa, doutor?...

DOUTOR.—Para o doente, não; para aquelles que convivem com elle; sim.

FIRMINO.—Explique-se, doutor.

J. PATO.—Diga-nos o nome da tal molestia.

DOUTOR.—Chama-se; a epidemia dos canalhas.

EUFRAZIA.—Deve ser interessante a sua discripção.

DOUTOR.—E' uma especie de tysica de todos os sentimentos humanos. Cynismo tuberculoso que ataca a creatura fazendo-a descer até ao nivel do mais asqueroso verme. Especie de lepra que ataca as faces, cobrindo-as de um estanho quasi negro. Esta epidemia é constante no Rio de Janeiro; só ha um medico que póde tratar d'essa gente, e um unico hospital que a recebe; é o Dr. Chefe de policia e a casa da correcção.

JOANNA.—Deos nos livre de tal epidemia.

FIRMINO.—Se fôres atacada do mal eu mando logo chamar o medico.

JOANNA.—Cuida primeiro de ti, que já não é pouco.

J. PATO.—Se te vejo ainda a caldos no hospital de Catumby...

FIRMINO.—Só se fôr a caldos de pato. Tenho esperanza de te ver por lá primeiro que eu.

J. PATO.—Longe vá o teu agouro.

EUFRAZIA.—Então não se ceia, Angelina ; eu já estou com fome.

J. PATO.—Que é isso, rapariga, ainda não perdeste esse vicio?...

EUFRAZIA.—Não está má essa ; veja lá se eu sou o cavallo do inglez.

ANGELINA.—Espera, Eufrazia ; vou mandar pôr a mesa. (*quer sair*).

JULIO.—Não te incomodes, querida. Então não estou eu aqui para te obedecer?... Desculpa se tomo tanta liberdade em tua casa. vou mandar pôr a mesa e volto n'um pulo, com tanto que tenha, por obrigado, um beijo teu.

ANGELINA.—Criança ! toma-o já adiantado.

JULIO.—(*beija-a na testa e sae*).

## SCENA NONA

OS MESMOS, MENOS JULIO

FIRMINO.—E nós enquanto esperamos vamos jogar o sólo, quer vir, doutor ? (*Sentam-se á mesa do jogo, Eufrazia, Joanna, J. Pato e Firmino*)

DOCTOR.—Obrigado, eu creio que o numero dos parceiros está completo e igual. Ha muito tempo não vejo uma quadrilha tão perfeita. (*Senta-se no sofá, perto de Angelina.*)

J. PATO.—Quem dá cartas?...

FIRMINO.—(*Vendo.*) Sou eu.

EUFRASIA.—Vamos a isto, que eu quero disfarçar a fome. (*Firmino dá cartas.*)

ANGELINA.—(*A meia voz.*) Então, doutor, conseguiu alguma cousa ?

DOUTOR.—Absolutamente nada. (*pausa.*)

JOANNA.—(*Alto.*) Sólo.

J. PATO.—E' bom.

DOUTOR.—(*O mesmo.*) Creio que aquelle coração está completamente perdido para sua mulher.

EUFRASIA.—(*Alto.*) Melhor.

FIRMINO.—Tudo é bom para mim.

ANGELINA.—Acredite, doutor, que se estivesse nas minhas mãos...

DOUTOR.—A senhora póde tudo. Uma palavra sua, um gesto seu, seria bastante para o arredar d'aqui e conduzil-o para junto de seu filho, que talvez n'este momento já seja cadaver !

ANGELINA.—Que diz, doutor ?

DOUTOR.—A verdade. (*Tira um bilhete.*) Lêa este bilhete e veja n'estas quatro linhas o desespero de uma mulher.

ANGELINA.—(*Lendo.*) « Meu bom amigo, meu marido não me vem a casa desde hontem. Venha ver-me, o senhor é a unica pessoa n'esta vida que me estima devéras. Este isolamento mata-me. — *Maria.* »

DOUTOR.—Vê, Angelina ? Aqui está porque lhe peço que restitua Julio á sua familia.

ANGELINA.—Bem, doutor, confie-me esta carta, vá ter com Julio, não lhe diga nada, apresse a ceia e dou-lhe minha palavra que antes d'ella terminar, tudo estará acabado entre nós.

DOUTOR.—Deos abençõe a sua resolução. Até já. (*Sáe.*)

ANGELINA.—Foi o diabo que m'a sugerio, doutor. Cahiste como um menino de eschola. Esta carta vale muito mais do que tu pensas.

J. PATO.—(*Levantando-se zangado.*) Ora isto não se

atura ! Então a senhora pucha por uma dama secca, fazendo-me entregar o meu áz de trumphi ao solante !!...

FIRMINO.—A Joanna pensa que o sólo é bisca de sapateiro.

JOANNA.—Ora viva, eu tambem já estou com fome, começo a sentir caimbras no estomago.

EUFRASIA.—Se isto se demora mais, vou ceiar no Consoli ou no Mangini.

ANGELINA.—Esperem, gulosas, já se está pondo a mesa.

EUFRASIA.—Ora graças ! (*J. Pato, Eufrasia e Joanna formam um grupo no fundo.*)

ANGELINA.—Ouve, Firmino.

FIRMINO.—Prompto.

ANGELINA.—Lê este bilhete.

FIRMINO.—(*Depois de lêr.*) Este bilhete é da mulher de Julio ?

ANGELINA.—E'.

FIRMINO.—Oh ! que achado, isto é uma mina para os teus projectos.

ANGELINA.—Ainda bem que me comprehendeste. Com esta arma o golpe será seguro.

FIRMINO.—O resto fica por minha conta. (*Guarda o bilhete.*)

ANGELINA.—Muito bem.

### SCENA DECIMA

OS MESMOS, JULIO, DOUTOR, E LOGO DEPOIS O LACAIO E  
UMA DESCONHECIDA

JULIO.—Para a mesa, meus senhores.

JOANNA e EUFRASIA.—(*Batendo nas costas de J. Pato.*)  
Alleluia, alleluia !

J. PATO.—Basta, meninas; não me batam nas costas que me provocam a tosse.

FIRMINO.—Ellas entendem que não ha alleluia sem judas para ser malhado.

JULIO.—Então, Angelina, vamos para a mesa.

ANGELINA.—Sim, vamos. Doutor, venha connosco; venha vêr como eu cumpro as suas ordens.

FIRMINO.—Esperem, isto vae por ordem. Julio e Angelina na frente, segue-se o Pato com a sua marreca, a outra marreca vae commigo, a menos que o doutor não lhe queira dar a honra. . . .

DOCTOR.—Sem cerimonia, está muito bem empregada.

FIRMINO.—Columna, avança, dobrado, marcha. (*vão a sair.*)

LACAIO.—(*Entrando.*) Minha ama, está lá em baixo uma senhora que deseja entrar.

ANGELINA.—Não a conheces? . . .

LACAIO.—Traz um véo que lhe cobre o rosto.

FIRMINO.—Ha de ser a beatissima D. Custodia . . .

LACAIO.—Não me parece.

ANGELINA.—Mande-a subir. (*Lacaió sae.*) Ha de ser provavelmente alguma desgraçada que têm fome ou vêm pedir alguma esmola.

JULIO.—Tão tarde!

DOCTOR.—Meu amigo, a fome e a desgraça não têm relógio certo.

FIRMINO.—Eil-a. (*A desconhecida apparece na porta do fundo, está toda vestida de preto e um grande véo cobre-lhe o rosto.*)

ANGELINA.—Que quer, minha senhora? . . . Entre, está tremul-a! (*quer segural-a esta affasta-se.*) Têm fome?



venha ceiar connosco. E' esmola que quer, diga-o, não tenha medo.

A DESCONHECIDA.—(*Com esforço a principio.*) E' isso... sim. . venho pedir uma esmola...

JULIO.—Esta voz !...

DOUTOR.—Oh ! meu Deus ! . . .

A DESCONHECIDA.—(*Erguendo o véo.*) Venho pedir a meu marido para vir abençoar seu filho que acaba de expirar ! . . .

Todos.—Oh ! . . .

(*Cae o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO II

Casa de Julio, sala rica, mobiliada com luxo, sofá á esquerda, mesa á direita com preparos de escripta, janella ao fundo e portas.

### SCENA PRIMEIRA

MARIA E AMELIA

(*Maria escreve á direita e Amelia brinca com a boneca á esquerda no sofá.*)

AMELIA.—(*Fallando com a boneca.*) A menina está hoje muito travessa, vamos, venha estudar a sua lição, (*abre o livro.*) Que letra é esta ?

MARIA.—(*Vendo o que escreveu.*) « Julio, adeos, o martyrio é superior ás minhas forças, não posso mais; morro perdoando-te e que Deos me perdôe tambem este horrivel peccado. Maria. » (*Fecha a carta e põe no envelope.*)

AMELIA.—Então a menina não quer dizer que letra é esta ? . . . Pois fique de castigo. Hoje não vae brincar no jardim e ha de passar sem doce.

MARIA.—(*Olhando para Amelia*) E aquelle anjo ? . . . terei forças para me separar d'elle ? . . .

AMELIA.—(*Correndo para Maria.*) Mãei, sua neta está hoje insupportavel ; não soube a lição e continúa a fazer travessuras.

MARIA.—Espera, minha filha, eu vou raihar com

ella. (*Dando-lhe a carta.*) Leva esta carta põe em cima da mesa do meu quarto e volta já! (*Amelia sae D. B.*)

MARIA. — (*Vae ao sofá, toma a boneca, contempla-a e diz entre lagrimas.*) Filha de minha filha, alegre sonho da infancia, o teu despertar é triste e cheio de lagrimas, (*senta-se e põe a boneca no côlo*)

AMELIA. — (*Entrando.*) Ora mamãi, não ponha essa manhosa no côlo, ella hoje só merece palmadas. (*Dá-lhe.*)

MARIA. — A Senhora D. Amelia está hoje muito raivosa. Uma bôa mãi não deve bater nos filhos por qualquer cousa.

AMELIA. — Ella não é de carne, por isso é que eu dou.

MARIA. — Ah! então se ella fosse de carne. . .

AMELIA. — Não precisava de castigos; a mamãi nunca me bateu.

MARIA. — Como tu és bôa minha querida filha! . . .

AMELIA. — Aprendi com a Senhora e com papai a ser assim. Papai gosta tanto de mim e gostava tanto de maninho que morreu, que desde que elle foi para o céu, ficou triste e não brinca mais commigo como d'antes.

MARIA. — Tens saudades de teu irmão, minha filha? . . .

AMELIA. — Muitas. Olhe, a mamãi quer saber? Quando eu estou dormindo, não sei o que é, mas vejo um bando de meninos montados em umas nuvens lá do céu, tocando cornetas e tambores; outros, cheios de fitas de prata e com cestas de flôres. No meio d'elles n'uma cadeira de ouro está Nossa Senhora e o maninho que está ao pé d'ella não faz senão chamar-me assim com a mão. Vem, Amelia, vem cá, vem brincar commigo. Se eu pudesse ir lá? . . .

MARIA. — Amelia!

AMELIA.—Então que têm ? . . . Os anjos são tão bonitinhos ! estão sempre rindo e saltando ! . . .

MARIA.—Mas, n'esse caso, para ires vêr teu irmão tinhas de abandonar tua filha para sempre, e isso havia de fazel-a chorar bastante.

AMELIA.—Qual ! ella não sente nada.

MARIA.—(Com intenção.) Então tambem tu não sentirias se eu tivesse vontade de ir vêr teu irmão e te deixasse sósinha ? . . .

AMELIA.—Como não havia de sentir ? Ha muita differença, a minha filha é de páu e panuo e eu sou de carne e ôsso.

MARIA.—E tua mãe, Amelia, o que seria della se tu fosses brincar com teu irmão ? . . . (chóra e abraça-a.)

AMELIA.—Não chore, mamãi : eu não vou. Olhe, se elle chamar hoje eu peço a Nossa Seuhora para irmos juntos.

MARIA.—Filha ! . . .

AMELIA.—Mamãi ! . . .

## SCENA SEGUNDA

OS MESMOS e JULIO

JULIO.—(Entrando.) Oh ! chego em hũa occasião vem abraçar-me, Amelia.

AMELIA.—(Correndo a elle e abraçando-o ) Papai ! . . .

JULIO.—Veio alguem procurar-me, Maria ? . . .

MARIA.—Não.

JULIO.—O caixeiro do Farani não veio cá ? . . .

MARIA.—Veio.

JULIO.—Trouxe o broche que te comprei ?

MARIA.—Trouxe.

JULIO.—Que tal o achas ?

MARIA.—Lindo.

JULIO.—Estás agora mais contente commigo, não é verdade ?...

MARIA.—Estou.

JULIO.—Vamos para Petropolis passar o resto do verão ?...

MARIA.—Não.

JULIO.—Porque ?

MARIA.—Estimaria fazer uma viagem mais longa.

JULIO.—Que dizes, Maria, começamos ?

MARIA.—Não, eu creio que isto está acabado, (chóra.)

JULIO.—Maria, tu chóras ? Olha Amelia que nos observa.

AMELIA.—(correndo á ella) Mamãe, não chore, papae já está ahi.

MARIA.—Não, minha filha; eu não estou chorando.

AMELIA.—Então eu não estou vendo ? Papai é que tem a culpa. Olhe, faça como eu ; dê um beijo em mamãe e verá como ella fica contente.

JULIO.—Sim, sim ; eu vou beijal-a ; vai brincar lá dentro.

AMELIA.—(sahindo) Um beijo bem grande, se não fico mal com papai. (sai).

## SCENA TERCEIRA

JULIO E MARIA

JULIO.—Aqui está ao que a senhora me expõe todos os dias. Agora já não são os conselhos do Dr. Matheus, tenho até de soffrer as reprehensões de minha propria filha.

LAGR. DE MARIA.

MARIA.—Sei que sou culpada, mas que fazer ? Não posso habituar-me. Tenho feito todos os esforços para conseguir dominar a fraqueza do meu sentimento, mas é impossível ! Perdão, Julio, perdão !...

JULIO.—Perdoar-lhe, o que ?... Se alguém teve necessidade de perdão fui eu ; porém creio que depois que o obtive de ti, tenho feito o possível para não contrariar-te. Creio que não ousarás desmentir-me.

MARIA.—Não.

JULIO.—Para que são pois essas lagrimas constantes, fazendo correr igualmente o pranto de minha filha ?

MARIA.—Deixa-a chorar, Julio ; aquelle pequeno regato de dôr, tem bastante espaço n'este oceano de amarguras.

JULIO.—Mas has de convir que esta posição é terrível para mim. Não sei o que hei de fazer !... D'esde aquella noite em que a senhora se esqueceu do que era, para subir as escadas de Angelina, provocando um escandalo inaudito, que eu nunca mais lá voltei.

MARIA.—Tens razão. Eu desci, quando subi aquellas escadas ; mas eu estava louca diante do cadaver de meu filho e tudo me deve ser desculpado. Nunca eu tal praticasse ; caro tenho espiado a minha loucura.

JULIO.—Não sei porque ? Nunca mais voltei a essa casa.

MARIA.—O que não impede de te encontrares com essa mulher em outra.

JULIO.—Maria !...

MARIA.—Oh ! Julio, perdoa-me. Será talvez a ultima vez que te fallo n'este assumpto. Amo-te muito, é este todo o meu crime. Eu era uma menina pobre, cazando-me contigo fiquei rica ! Não foi por certo o teu dinheiro que constituiu a minha felicidade ; não

foi o teu ouro que me deslumbrou ; foi o thesouro do teu coração, foram os dotes de tua alma meiga, foi o teu amor immenso, do qual eu era a unica senhora. Lembras-te, Julio, d'esse tempo ?

Conservas ainda algum raio dessa luz que illuminava a nossa ventura ? O sol que se escondia, o dia que se levantava, os suspiros da vaga, a chuva que cahia, o cantar dos passaros, estrellas e nuvens, flôres e fructos, tudo invejava a nossa alegria e parecia despeitado diante da grandeza do nosso amor ! Era isto que fazia a minha riqueza, que me tornava millionaria !... Hoje estou pobre, mendigo um sorriso e voltam-me as costas ! As chammas de um amor impuro incendiaram o palacio da minha felicidade !... O meu cofre está vasio; e o sol que se esconde, o dia que se levanta, a vaga que suspira, a chuva que cahe, o cantar dos passaros, estrellas e nuvens, flôres e fructos, tudo parece dizer : chora Maria, é tudo quanto te resta !...

**JULIO.**—Amoñnas-te sem razão. Não somos casados ha dois dias e a lua de mel já lá vai ha muito tempo. Eu não hei de estar todos os dias agarrado ao teu vestido, ou de joelhos a teus pés, para dizer-te: Maria eu te amo, eu te amo sempre. Isto seria ridiculo. Amo-te, respeito-te, considero-te, mas não posso agora estar a representar todos os dias um galan de comedia.

**MARIA.**—Não exijo tanto, ou antes não exijo nada. Não te peço que faças diante de mim um galan de comedia ; mas vê se em nome da tua propria dignidade, deixas de representar o papel de amoroso de farça. Não te peço mais o teu amor, mas ao menos, em nome de nossa filha, não me atires á cara com o teu desprezo.

JULIO — Maria, isto é de mais ; a paciencia exgota-se ; não sou nenhuma creança, sou teu marido, cumpro os meus deveres, nada te falta, por conseguinte não devo tolerar estas scenas.

MARIA.—Tens razão ; eu é que sou uma louca em me occupar d'estas cousas. Não me falta nada!... tenho joias, chapéos, vestidos, carro, tudo ; que mais quero eu?... As caricias do esposo, tolice O que vale isso diante de um broche de brilhantes ou de um vestido de seda ? A mãe de familia é sempre ridicula com certas exigencias. Para que ha de ella querer todos os dias que um pai beije e abençoê sua filha, se lhe não falta nada !... O marido tem o direito de se entregar a outra, desde que cumpre com seus deveres. A mulher casada não pôde perscrutar os segredos do coração. Ama-o muito?... Que importa! Tem ciumes?... esqueça-os! Tem coração? esmague-o. Tem dignidade?... humilhe-se! E quando lhe disserem na rua, ali vai a sua rival, é a amante de seu marido ; a mulher casada deve orgulhar-se da sua posição e bradar bem alto : Que importa, não me falta nada !...

JULIO.—Se é por esta fórma que a Senhora pretende obter algum resultado, engana-se ; e a prova é que vou sahir immediatamente. (*quer sahir.*)

MARIA.—Perdão, Julio, perdão ; fui injusta contigo. Tu me amas sempre, não é verdade?... Eu não sei o que digo : tu és bom, e sou eu que te faço máo.

CREADO.—Meu amo, está lá embaixo uma Senhora idosa que o procura.

JULIO.—Mande-a subir.

MARIA.—Eu vou para dentro. (*Enchuga as lagrimas.*) Vês, já sou outra ! Éstás contente. não é assim ? Jan-



tarás commigo e passaremos a tarde em companhia da nossa querida Amelia. Até já. (*sáe D. A.*)

JULIO.—Até já.

### SCENA QUARTA

CUSTODIA e JULIO

(*O creador Conduz custodia e sáe.*)

JULIO.—(*Correndo á ella.*) Ah! é a Senhora? . . . Sente-se para aqui e falle baixo. Minha mulher está lá dentro.

CUSTODIA.—Ai! meu rico Sr. Julio, Deos me perdôe, mas estas commissões não são para mim. Cada vez me arrependo mais de me haver mettido nestes negocios. Os Senhores são moços, e é fogo de um lado, fogo do outro, que se a gente não tomar sentido fica reduzido a torresmos.

JULIO.—Angelina está resolvida a ir viver commigo em Petropolis? . . .

CUSTODIA.—Qual! não quer até que lhe fallem no seu nome! Entretanto, leva a chorar dia e noite e a dar cada suspiro! . . . Credo! que parece que se lhe abre o peito

JULIO.—A Senhora não explicará este capricho de Angelina? Ha oito dias que isto dura; não quer mais vêr-me e até já mandou entregar a chave da casa que tínhamos alugado em Botafogo.

CUSTODIA.—Lá disso é que eu não sei. Que ella gosta do menino, isso é que não parece duvida! . . . Sou capaz até de jurar pelas alminhas do purgatorio.

JULIO.—A Senhora tem-lhe dito o meu estado? . . .

Tem-lhe feito conhecer o quanto tenho soffrido estes dias ?

CUSTODIA.—Tenho-lhe dito tudo ; até acrescentei por minha conta e risco que o menino não estava muito certo da cabeça !

JULIO.—E disse a verdade. Se isto continuar, não respondo por mim e quem sabe até onde me levará esta paixão ! . . .

CUSTODIA.—Ai ! credo ! socegue, menino, não faça tolices ! E' o que eu digo. Chega a gente aqui: eu morro, não posso estarsem vê!-a ; vae a gente para lá : não me falle n'elle, não quero ouvir o seu nome ; e zás, ahi temos um ataque ! Tenho me visto tonta ! saffa ! Bem faço eu. Amor ? amor ? é cupim, que nunca entrou, nem ha-de entrar dentro d'esta casa !

JULIO.—(*cahindo n'uma cadeira.*) Oh ! Angelina ! como eu te amo, e como tu me fazes soffrer ! . . .

CUSTODIA.—Porque não faz o menino uma promessa a S. Gonçalo Garcia ? . . . Aquillo é santinho muito milagroso !

JULIO.—A Senhora não póde avaliar o quanto se soffre quando se ama apaixonadamente !

CUSTODIA.—Nem Deos tal permitta ! Credo ! Anda a gente sempre aos soluços, e com cara de creança desmamada.

JULIO.—Oh ! Angelina ! Angelina !

CUSTODIA.—Porque não falla ao Sr. Firmino ? Elle deve saber alguma cousa ; é o confidente particular da lindinha,

JULIO.—Lembrou bem, vou mandal-o chamar. (*toca a campanhia o creado apparece.*) Veja se o Sr. Firmino está em casa e diga-lhe que chegue até aqui, (*O creado sae.*)

CUSTODIA — Vou-me chegando ; não me quero encontrar com aquelle descarado ! Preciso mesmo ir á igreja do Rosario levar esta promessa. Ai ! Credo agora é que eu reparo ! a vela está partida ! Havia ser quando subi a sua escada. Cahio-me da mão. Como ha-de ser isto agora ?

JULIO.—Não tem duvida, compre outra ; aqui teu. *(dá-lhe dinheiro.)*

CUSTODIA.—Oh ! meu rico Sr. Julio, Deos o ajude e o faça feliz ! . . .

## SCENA QUINTA

OS MESMOS e FIRMINO

FIRMINO.—*(Entrando.)* Per omnie seculam seculorum !

CUSTODIA.—Cruzes. tinhoso ! *(sahindo.)*

FIRMINO.—*(Na porta.)* Venha cá, vó-vó, a procissão ainda não sahio. *(Voltando-se para Julio)* Aqui estou, temos alguma novidade ?

JULIO.—Mandei-te chamar, porque és o unico que podes neste momento prestar-me um grande serviço

FIRMINO.—Estou completamente ás tuas ordens.

JULIO.—Tu conheces a minha enfermidade, tei acompanhado passo a passo todas as suas phases podes portanto achar o remedio que necessito.

FIRMINO.—Se ahas que posso ser o teu medico e teu pharmaceutico ; botica e receitas estão ao teu dispor. Falla.

JULIO.—Trata-se de Angelina.

FIRMINO.—*(Examinando-o com ares de medico.)* Um' molestia incuravel ! . . . amor paludoso , febre q

ataca o coração, a algibeira e o cerebro ao mesmo tempo ! Tenho estudado seriamente esta enfermidade e ainda não descobri medicamento para combatel-a ! Se allivio o coração, ataco a algibeira, se ataco a algibeira faço mal ao coração, e se consigo curar o coração, a algibeira começa a dar voltas e fico eu com toda a minha sciencia perdida !

JULIO.—Não grancejes ; não estou agora em estado de poder acompanhar-te n'este tom. Fallo serio e espero que me ouças, ajudando-me a sahir da terrivel posição em que me acho.

FIRMINO.—Pois falla.

JULIO.—Eu amo Angelina.

FIRMINO.—E depois ?

JULIO.—E Angelina despreza-me.

FIRMINO.—Pois faze como o Laurindo da Galethéa:

« Queres vingar-te d'ella socegado,  
« Despresou-te, despresa-a, estás vingado. »

JULIO.—Peço-te que não continues, Firmino.

FIRMINO.— Que queres tu que eu faça ? que queres que te diga ? O teu estado não admitte observações. Se eu te disser: foge de Angelina; o amor d'aquella mulher não te convém; tu mandas-me ao diabo com certeza e és capaz até de brigares commigo.

JULIO.—Por compaixão, Firmino, eu te peço. Angelina tinha tudo disposto para partir commigo, e de repente, sem que me dêsse a mais pequena explicação, rompeu com tudo, fechando-me até as portas de sua casa.

FIRMINO.—Caprichos ! Oh ! tu não conheces estas mulheres !.. Acredita-me, Julio, apaixonar-se em 1874,

um homem, por uma d'estas creaturas, é cavar com suas proprias mãos o abysmo que deve tragal-o !... Antigamente, ainda se podia descobrir um caminho seguro para chegar-se a porto de salvamento; hoje, porém, não ha pharol, não ha guia, o naufragio é certo !... Estas mulheres pesam na mesma balança o bem e o mal, e o fiel conserva-se sempre em perfeito disequilibrio !... Desgraçam familias com a mesma facilidade com que matam a fome de um pobre !... Riem-se quando passa um enterro e choram quando lhes morre a cadelinha !... Rastejam como a cobra, assanham-se como o tigre, choram como creanças, rugem como pantheras, curvam-se como escravas, e erguem-se como rainhas !... Vê lá se pôdes comprehender isto ! Eu confesso, que apesar de toda a minha pratica, estou sempre marchando no mesmo terreno; ainda não adiantei um passo.

JULIO.—Deve haver comtudo uma razão, para que ella proceda d'esta fórma, e com um homem, a quem não cessava de protestar um amor verdadeiro. Suas promessas, seus planos, suas esperanças, tudo emfim, se resumia em nossa intima convivencia. Deves conhecer, portanto; a causa d'esta mudança. Peço-te como amigo que me digas toda a verdade !

FIRMINO.—Isso vai affligir-te ainda mais.

JULIO.—Eu o exijo.

FIRMINO.—Então lá vae por tua conta. Angelina parte brevemente para a Europa.

JULIO.—Ella !

FIRMINO.—Ella, sim ! Ha n'isto algum mysterio, porém eu já te disse, não entendo esta casta de gente !... Apareceu-lhe um conde russo que a quer levar comsigo. Quiz obstar semelhante partida, porém

ella respondeu-me: não posso mais estar no Rio de Janeiro. Se ficasse aqui, a desgraça de Julio seria inevitavel ! Tenho feito um papel ridiculo, não devo ter contemplações com quem as não merece. Pedi-lhe a decifração dessa charada sem conceito, não m'a quiz dar. Olhou para mim e pôz-se a chorar ! Comprehendes isto ? nem eu !

JULIO.—Sei o que devo fazer, corro á casa de Angelina.

FIRMINO.—Seria uma imprudencia.

JULIO.—Estou resolvido a tudo. Rasgarei hoje mesmo o véo que occulta talvez uma grande infamia ! . . .

FIRMINO.—Vê lá o que fazes.

JULIO.—Espera-me aqui, eu volto já. Ahi vem Amelia. Entretém-te com ella, e vê que Maria nada desconfie.

FIRMINO.—Pois sim, eu fico : mas socega e não practiques alguma loucura.

JULIO.—Não, fica descansado. (*súe.*)

## SCENA SEXTA

FIRMINO e LOGO AMELIA

FIRMINO.—(*Só.*) Emfim, eis-me Senhor da praça. O quarto de Maria é aquelle ! Sinto uns calafrios ! . . . queira Deos que eu não faça alguma que me dê na cabeça ! . . . Angelina prometteu arranjar a cousa, de fórma que o meu pello ficasse em segurança ! . . . Ah ! dinheiro, dinheiro ! . . . a quanto obrigas ! . . . Não ha remedio, o carnaval éd'aqui a dois mezes e eu estou sem vintem. Alerta, que ahi vem a menina ! . . .

AMELIA.—(*Entraudo com a boneca.*) Papai já se foi?...

FIRMINO.—Foi, mas volta já. Venha cá, D. Amelia, como está bonita hoje? . . .

AMELIA.—Meu proveito.

FIRMINO.—Então está zangada commigo? . . . Não me quer dar um beijo? . . .

AMELIA.—Eu não gosto do senhor.

FIRMINO.—E porque?

AMELIA.—O Senhor quando vem aqui sempre o papá sae, e a mamãi fica chorando.

FIRMINO.—Mas eu não sou o culpado. O papá sae porque vae para os seus negocios, e a mamãi chora, porque tem saudades delle.

AMELIA.—Papai não tem negocios a toda a hora; é o Senhor que vem sempre trazer novidades.

FIRMINO.—E é por isso que a menina tem raiva de mim? . . . Ora vamos, façamos as pazes. Olhe que eu sou muito seu amiguinho.

AMELIA.—Eu é que não quero ser sua amiguinha.

FIRMINO.—Ah! sim, deveras? . . . pois não lhe conto o que papai foi fazer.

AMELIA.—(*Curiosa correndo á elle,*) O que foi? . . .

FIRMINO.—(*Fingindo se amado.*) Não conto; a senhora não gosta de mim. . .

AMELIA.—Gosto, gosto. Conte, Sr. Firmino, eu sou muita curiosa.

FIRMINO.—Isso é defeito de moça.

AMELIA.—Eu não sou moça, sou menina. Mas diga o que papai foi fazer.

FIRMINO.—Só se me der um beijo.

AMELIA.—(*Dando-lhe a face.*) Ah! está.

FIRMINO.—Ora muito bem! O papai foi comprar um relóginho muito bonito para a menina.

AMELIA.—E' de dar corda?

FIRMINO.—E' Sim.

AMELIA.—Que bello ! Como estou contente !

FIRMINO.—Então, ainda tem raiva de mim ? . . . Ora, venha cá, deixe ver a sua boneca. (*Pega na boneca..*) Bravo como é bonita ! . . . Já está baptisada ? . . .

AMELIA.—Ella ainda não tem vestido. . .

FIRMINO.—Pois eu compro um bem bonito ; quero que ella seja minha afillhada.

AMELIA.—Ella ja tem padrinho, é papai.

FIRMINO.—Neste caso, ficará sendo minha filha.

AMELIA.—Tambem não póde ser.

FIRMINO.—Porque ?

AMELIA.—Porque eu sou filha de mamã, e papai, é casado com ella ! . . .

FIRMINO.—Pois que tem isso ? . . . Eu caso com a menina.

AMELIA.—Não posso, sou muito pequena.

FIRMINO.—Esperarei que fique da minha altura.

AMELIA.—Ora, quando eu fôr do seu tamanho já o senhor tem crescido outro tanto. Eu não quero casar com gigantes ! . . .

FIRMINO.—Tem toda a razão. Em todo o caso, a boneca ha de ter o seu enxoval. Porém eu quero comer o doce e beber o chá.

AMELIA.—Ah ! isso sim ! . . .

FIRMINO.—Havemos de dançar, cantar, brincar e fazer o jogo da palhinha . . .

AMELIA.—E a cabra céga. Lá no collegio eu agarrava todas as meninas.

FIRMINO.—Ora ! é porque ellas eram tolas ! . . .

AMELIA.—Tolas ! bem espartas que eram, mas não podiam commigo.



FIRMINO.—Sim?... Ora aposto, em como a menina não é capaz de me agarrar ?...

AMELIA.—Quanto aposta ?...

FIRMINO.—Se a menina fôr capaz de me agarrar, eu não só dou o enxoval, como os doces, o pão-de-ló, emfim, tudo para o baptisado da boneca.

AMELIA.—Valeu. (*Dá-lhe o lenço.*) Amarre o meu lenço nos olhos.

FIRMINO.—(*Vendando-lhe os olhos.*) Prompto.

AMELIA.—Mas não vá para muito longe.

FIRMINO.—Não, eu não saio do meio da sala. Fico segurando na sua boneca.

AMELIA.—Vá lá, comece.

FIRMINO.—Cabra céga, d'onde vieste ?...

AMELIA.—Do moinho.

FIRMINO.—Que me trouxeste ?

AMELIA.—Um sacco de farinha.

FIRMINO.—Me dá um pouquinho ?

AMELIA.—Não dou, não.

FIRMINO.—Pois então, procura quem te deu (*Dá-lhe uma pequena pancada na mão e affasta-se.*)

AMELIA.—(*Procurando.*) O senhor onde é que está ?

FIRMINO.—Aqui. (*Encaminha-se para o quarto de Maria.*)

AMELIA.—Não vá para muito longe...

FIRMINO.—Não. (*Baixo, olhando para a boneca.*) Que diabo hei de fazer d'isto ? Ora adeus, vai para cima dos telhados ! (*Atira com a boneca*)

AMELIA.—E, agora, onde é que está ?...

FIRMINO.—(*Alto.*) No mesmo lugar. (*Baixo.*) O' innocencia, perdôa, mas eu preciso de dinheiro !... (*entra no quarto.*)

AMELIA.—(*Só, procurando.*) E, agora, onde é que o

senhor está?... heim?... não responde?... Diga, assim le, eu já estou cançada. Onde é que está?... Ah! não quer dizer? Pois eu tiro o lenço e ha-de pagar a aposta. (*Tira o lenço, não acha ninguém, dá por falta da boneca e diz com magoa*): Mão! fugio, e furtou a minha boneca!...

### SCENA SETIMA

AMELIA, o DR. MATHEUS e logo MARIA

DOUTOR.—(*Entrando.*) Ora viva a minha linda amiguinha!

AMELIA.—(*Correndo a abraçal-o.*) O' meu amiguinho, como está? (*beija-o e procura á boneca.*)

DOUTOR.—(*Observando.*) O que é que tem, perdeu alguma cousa? Está tão cançadinha!

AMELIA.—Não, não é nada; era eu que estava brincando. Olhe, ahi vem mamãi.

MARIA.—(*Entrando prompto para sahir.*) Oh! Doutor! pensei que tambem me tinha abandonado. Amelia, vae-te vestir, e diz ao João que apenas o carro esteja prompto, venha avisar-me.

AMELIA.—Sim, mamãi. (*Fazendo uma grande cortezia.*) Sr. Doutor permite. . .

DOUTOR.—(*Fazendo o mesmo.*) Oh! minha senhora, essa é bôa! . . . (*Amelia sae.*) Vae sahir, D. Maria? . . .

MARIA.—Vou, Doutor; preciso fazer algumas compras e. . .

DOUTOR.—A senhora não diz a verdade. Eu sou medico e sou seu amigo. A sua phisionomia indica perfeitamente os soffrimentos de sua alma! Acaso não mereço a sua confiança? . . .

MARIA.—Oh! sempre, sempre. Mas não se assuste;

saio porque preciso, e mais nada. Amanhã, o Doutor ver-me-ha alegre e contente abençoar os seus conselhos e a amizade que me tributa.

DOCTOR.—Nesse caso, até amanhã. Aproveito a tarde para ir vêr alguns doentes.

MARIA.—Espere, Doutor, o carro ainda não está prompto; demore-se um pouco.

DOCTOR.—Para vel-a soffrer, não é assim? E' essa a missão do medico. Porém, para que ha-de occultar as lagrimas, se ellas lhe fazem bem? . . .

MARIA.—(*Chorando, cahindo-lhe nos braços.*) Ah! Doutor, Doutor! . . .

DOCTOR.—Chôre. pôde chorar. A sua dôr é immensa, minha Senhora, a chaga de seu coração é incuravel! . . . Diante de seu martyrio é forçoso curvar a cabeça. Tenha coragem, lembre-se de sua filha, e veja que ella precisa dos seus cuidados maternas.

MARIA.—Oh! Doutor, eu suffoco no meio d'estas quatro paredes! Faltam-me as forças, preciso de ar!

CREADO.—O carro está prompto.

DOCTOR.—Vá; passeie, distraia-se. Eu sou seu amigo hei-de teimar, e hei-de vencer. Ainda não perdi a esperança.

MARIA.—Como o Doutor é bom! . . . Falla-me em esperanças ainda! Oh! obrigada, obrigada! . . . (*senta-se*)

DOCTOR.—Adeos, e conte comigo. (*Sahindo.*) Não irei para muito longe! Não sei o que me diz o coração! . . . (*sáe.*)

SCENA OITAVA

MARIA (só) e LOGO AMELIA e JULIO

MARIA.—Acabe-sé por uma vez com tudo isto! Amelia ficará em casa de seu padrinho! Elle a estima bastante! (*Limpa os olhos.*) E' preciso que não desconfie. Agora a carta que escrevi a Julio e coragem! Cumpre não vacillar (*Váe a entrar no quarto e suspende-se á voz de Amelia.*)

AMELIA.—(*Entrando a correr.*) Ahi vem papai, mamã, ahi vem papai!

MARIA.—(*Fecha a porta do quarto com a chave.*) Elle!

JULIO.—(*Entrando e pesando as palavras.*) Sim, sou eu, admira-se? Não contava com a minha presença, talvez?... E' quasi sempre assim.

MARIA.—(*Perturbada.*) Oh! meu Deos! desconfiará elle?... (*Amelia correndo para o pai.*)

AMELIA.—Então o Senhor meu pai não falla commigo? Isto é bonito!

JULIO.—(*Bruscamente.*) Vá lá para dentro.

AMELIA.—Sem me beijar, não vou.

JULIO.—(*Empurrando-a.*) Vá para dentro, já disse.

AMELIA.—(*Quasi chorando.*) Eu vou papai, eu vou. (*Chega a porta volta-se para o pai e chora.*)

JULIO.—Amelia, minha filha; vem cá, perdôa a teu pai.

AMELIA.—(*Correndo e pulando-lhe no côlo.*) O que eu quero é o meu beijo.

JULIO.—Toma.

AMELIA.—Agora sim, vou-me embora contente. (*sáe.*)

SECNA NONA

JULIO e MARIA

JULIO.—E' possível, meu Deos !... aquelle miseravel !...

MARIA.—Elle sabe tudo !

JULIO.—A senhora hia sahir ?...

MARIA.—Ia.

JULIO.—De carro ? !...

MARIA.—Sim, de carro.

JULIO.—Com sua filha ?...

MARIA.—Com minha filha.

JULIO.—Só ? !...

MARIA.—O que quer dizer ? !...

JULIO.—Nada; pensei que sahia em companhia do seu amante.

MARIA.—Do meu... Obrigada, Julio, obrigada. A tua condescendencia é extrema ! Calculaste perfeitamente as dózes do veneno que devia matar-me. Do amor passaste á indifferença, da indifferença ao tédio, do tédio ao desprezo, e do desprezo ao insulto ! Muito bem, a tua inspiração é sublime !... Cumpres os teus deveres; não me falta nada !...

JULIO.—Menos declamação e trate antes de justificar-se; eu já não sou seu marido, sou seu juiz.

MARIA.—Juiz de quem ?... Justificar-me de que ?

JULIO.—Do seu crime !

MARIA.—Do meu crime ? !... E quem é que m accusa ?... E' a minha rival ?...

JULIO.—Existem cartas da senhora escriptas a um homem.

MARIA.—Cartas minhas ? ! Onde estão ellas ?...

JULIO.—No seu quarto, talvez. Vejamos. (*Encaminha-se para o quarto.*)

MARIA.—(*Dando um pulo e abrindo os braços em frente á porta.*) Aqui não entra ninguém ! Não tenho cartas, não tenho nada !...

JULIO.—Finalmente ! Ella propria o confessa !... Se não tem cartas, dê-me a chave do seu quarto. Quero abril-o, a menos que o seu amante não esteja lá dentro !...

MARIA.—(*Caindo de joelhos ao pé da mesa.*) Oh ! é muito, é muito !...

JULIO.—Isso, curve-se, e peça perdão, porque eu tenho o direito de mata-la !... Aqui está a grande senhora que blasonava da sua virtude, e insultava sem pejo, aquellas que se envergonhariam de apertar-lhe a mão !... Que fez do meu nome ? que fez da minha dignidade, mãe perversa, que nem ao menos corou, no dia em que offereceu á sua filha o espectáculo vergonhoso da sua deshonra !... Deixe-me entrar nesse quarto.

MARIA.—Ainda não. A mulher que acabas de esbofetear, precisa dizer-te: Julio, tu és um miseravel !... Porém, és o pai de minha filha, és meu marido, e eu te perdôo !... Aqui tens a chave do meu quarto; entra, procura bem, e ahi encontrarás, não a minha deshonra, mas, talvez, a tua desesperação. Vai.

JULIO.—(*Tomando a chave e abrindo a porta do quarto, d'onde sae Firmino.*) Ainda pretende justificar-se, minha senhora ?...

MARIA.—(*Voltando-se e cahindo redondamente.*) Oh ! é horrivel !...

SCENA DECIMA

OS MESMOS e o DOUTOR

DOUTOR.—(*Entrando.*) Que acontece ?

JULIO.—Oh ! Doutor, chega a proposito ! Cuide do seu officio, que eu trato do meu. (*O doutor corre a socorrer Maria.*) Tem alguma cousa que possa justificar a sua presença aqui ?...

FIRMINO.—Esta carta.

JULIO.—(*Lendo-a baixo.*) « Meu amigo. Meu marido não vem á casa desde hontem. Venha vêr-me. O senhor é a unica pessoa que me estima devéras. Este isolamento mata-me.—*Maria.* »

FIRMINO.—Julio, eu espero...

JULIO.—(*Rasgando a carta*) Silencio ! O senhor é um miseravel !... Sua alma não vale os pedaços d'esta carta; saia !

FIRMINO.—(*Saindo.*) Creio que não fui mal no meu papel... (*súe.*)

DOUTOR.—Julio, sua mulher parece tornar a si...

JULIO.—Visto isso está terminada a sua missão. Pôde sahir de junto d'essa mulher, indigna da sua amizade !...

MARIA.—(*Como acordando.*) Oh ! Doutor, não me abandone !...

DOUTOR.—Creio que o amigo ainda tem que fazer aqui.

JULIO.—Como lhe aprouver. Enquanto á senhora, ouça a minha resolução: Está em sua casa, pôde ficar; levarei commigo só aquillo que me pertence; o mais tudo é seu. Não agradeça a minha generosidade. Pague-me na altura dos seus merecimentos. (*Entra na D. A.*)

SCENA DECIMA PRIMEIRA

MARIA e o DOUTOR

MARIA.—Oh ! Doutor ! Elle me insulta, e eu não posso justificar me !

DOUTOR.—Como assim ? que aconteceu ?...

MARIA.—Não posso mais ficar aqui: se me estima, Doutor, se não me quer vêr louca, leve-me d'esta casa; qualquer canto me basta,

DOUTOR.—Isto não póde ficar assim; é preciso uma explicação !

MARIA.—Por quem é, poupe-me maiores vergonhas. Já tenho soffrido demais, não posso. Fique elle na sua casa. Nada quero, senão a minha reputação, que elle ousou manchar !... Ahi ficam as suas joias, tudo, tudo ! (*Tira os brincos e as pulseiras* )

DOUTOR.—Minha Senhora !. . .

MARIA.—E' tudo d'elle ; não quero nada. Quando me casei era pobre, tão pobre, como aquella que me deu o ser. (*Tira uma medalha do pescoço que está escondida no seio.*) Oh ! minha mãe ! tu, que estás lá em cima e conheces a minha innocencia, abençôa o martyrio de tua filha !. . . Ahi tem, Doutor, é a unica joia que trouxe, é unica que levo.

DOUTOR.—(*Tomando a medalha e dando um grito.*) Oh ! meu Deus !

MARIA.—O que é Doutor ? . . .

DOUTOR.—Quem lhe deu esta medalha ? . . .

MARIA.—Minha mãe, na hora da morte !. . .

DOUTOR.—E como se chamava sua mãe ?

MARIA.—Henriqueta.



DOUTOR.—(*No auge d'alegria.*) Oh! Providencia Divina! Achei minha filha!...

MARIA.—Sua filha!...

DOUTOR.—Sim, Maria, esta medalha dei eu a tua mãe dias antes de partir para Europa. Tirámos os retratos juntos. Observa, levantando-se o retrato de tua mãe está o meu por baixo! Vê!...

MARIA.—(*Observando.*) Sim, é verdade! Ah! meu pai!...

DOUTOR.—Minha filha! (*Abraçam-se*)

### SCENA DECIMA SEGUNDA

OS MESMOS e JULIO (com Amelia pela mão)

JULIO.—Levo o que me pertence, minha Senhora... Deixo-lhe ficar o mais.

MARIA.—Ah! elle quer levar minha filha!... (*corre para ella.*)

JULIO.—Não toque n'esta creança! A Senhora é indigna de abraçal-a!...

AMELIA.—Mamã!

JULIO.—Tua mãe morreu, minha filha, vamos. (*Quer sahir.*)

DOUTOR.—(*Collocando-se na porta.*) Ainda não. O Senhor não levará essa creança comsigo.

JULIO.—Porque?...

DOUTOR.—Porque eu não quero.

JULIO.—Quaes são os seus direitos?...

DOUTOR.—Sou seu avô.

JULIO.—Seu avô?!...

DOUTOR.—Sim, seu avô!... O Senhor fica em sua casa. Sou eu que levo o que me pertence. Vem Amelia,

vem, Maria; perdes um marido, mas não te faltará por certo, nem os carinhos de tua filha, nem abençãam de teu pai. Vem.

AMELIA.—Papai ! . . .

JULIO.—*(Querendo seguir-os.)* Porém, Doutor. . .

DOUTOR.—Fique ! *(As duas tem quasi sahido o Doutor fica na porta cujo gesto imperioso subjuga a Julio no meio da seena.)*

*(Cáe o panno.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO

## ACTO III

(O theatro representa o corredor da segunda ordem do theatro Lyrico. Um dos camarotes, o que fica mais emfrente, é praticavel. Entradas a E e á D.—E' noite de carnaval. Ao levantar o panno, dansa-se a ultima parte de uma quadrilha. Grande animação.)

### SCENA PRIMERIA

O TITY, FIDALGO, PRIMEIRO E SEGUNDO MASCARAS  
POVO E OUTROS MASCARADOS

PRIMEIRO MASCARA.—Galope geral !

TODOS.—Hip, hip, hip !...

SEGUNDO MASCARA.—Tudo dança !

TODOS.—Apoiado !...

PRIMEIRO MASCARA.—Traverser !...

ALGUNS MASCARAS.—Vamos, não percamos a parte.

SEGUNDO MASCARA.—Traverser, balancer, tour.

TODOS.—Galope ! Hip, hip, hip !... Viva o carnaval !

*(Para a orchestra. Grande algazarra de mascararas. Uns tocam cornetas, matracas, campainhas, etc., etc... Outros fazem grupo e passeiam. A scena nunca fica vazia e está sempre animada.)*

O TITY.—*(de braço com um fidalgo.)* Oras, adeoses!... Se soubesse que era isto, não tinha vindo cá!... Nem se póde dançar, é preciso vir para o corredor !...

O FIDALGO.—Eu bem te disse, Anninhas, não *quizeste acreditar !* Não ha nada como a fabrica de cerveja !... A gente está a seu gosto e ninguem se *astreve*

a *inticar* com os outros. Aqui, apenas me viram, começaram a gritar. O' princez, diz alguma asneira, se não aperto-te o cabresto.

O TITY.—E a mim não me perguntaram a como se estava vendendo a pomada de hollanda ?...

O FIDALGO.—São uns atrevidos !... Ao *dispois*, a gente dá uma beijolada n'um. *aquim d'el-rei* que é capoeira.

O TITY.—Estou com sêde *Totonho*.

O FIDALGO.—Vamos vêr se a venda ainda está aberta. (*vão sahindo.*)—*N'esta occasião, vê-se um velhinho que mal pôde andar, no meio de um grupo de mascaradas, que o trazem, a boca de scena.*

## SCENA SEGUNDA

O VELHO e OUTROS MASCARAS

VELHO.—Ah ! meus filhos, obrigado. obrigado ! . . . Deos recompensará por certo aquelles que no meio das danças, da folia, e dos prazeres, não se esquecem dos desgraçados.

1.º MASCARA.—Mas, velhinho, como veio você parar até aqui ? . . .

VELHO.—Oh ! não procurem saber. Vou affligil-os, e não é por certo a desgraça, a miseria e a dôr de um pobre velho, que os ha-de divertir n'uma noite de carnaval ! . . .

2.º MASCARA.—Conte sempre ; talvez não se arrependa.

1.º MASCARA.—Será uma variante. E' bom haver de tudo.

2.º MASCARA.—Quem sabe se não encontrará aqui quem o comprehenda melhor! Estamos phantasiados, é verdade, mas os bons sentimentos não se desfarçam nem se phantasiam. O que talvez seja facil encontrar lá por fóra no meio d'essa sociedade que se mascara todos os dias.

TODOS — Apoiado, apoiado. Conte, conte.

VELHO — Oh! meus filhos, vou satisfazel-os. Eu sou um pobre velho. O meu emprego, pouco rende e mal chega para as primeiras necessidades da vida. Tenho mulher e quatro filhos pequenos, móro n'uma casinha velha, lá para as bandas de S. Diogo. Resumindo, pois. a historia da minha desgraça, só direi que hoje ao entrar em casa. . . (*com esforço.*) Oh! meus Deos! . . . achei minha mulher, que ha longo mezes padecia de uma molestia incuravel, fria, inanimada, morta. . . estendida em cima de uma esteira rôta! Meus pobres filhinhos gritaram em côro: papai, papai! . . . mamãi hoje não nos dêo pão! Eu não tinha um vintem em casa! Como matar a fome d'essas pobres creanças? Como enterrar amanhã o corpo da minha velha companheira? Desesperado, vim até aqui, postei-me á porta do edificio, em cujo centro reinava o prazer, e pedi esmola! . . . Algumas pessoas caridosas attenderam-me, e fizeram-me subir até aqui, para que eu pudesse colher melhor resultado! . . . E' esta a minha historia! . . . E' a miseria que pede á folia! E' a dôr que pede ao prazer. E' o velho, que vêm buscar no meio da mocidade que se diverte em um baile mascarado, o pão para seus filhos e a sepultura para sua mulher! . . . (*chora.*)

1.º MASCARA.—Pobre homem, vamos, não chore; aqui têm. (*Dá-lhe dinheiro.*)

2.º MASCARA.—Como deve ter soffrido! Tome (*dá-lhe d'neiro.*)

OUT O MASCARA.—O mundo é assim mesmo. Desculpe não ser mais generoso, (*dá-lhe dinheiro.*)

OUT O MASCARA.—Meus senhores, soccorramos o pobre velhinho!

TODOS.—Apoiado, apoiado. (*Todos dão-lhe dinheiro.*)

VELHO.—(*Tremendo e chorando.*) Oh! meus filhos, meus filhos! que Deos vos dê mil venturas e recompense a vossa generosidade e. . . (*Tirando as barbas e a cabelleira.*) Viva a pandega já temos para beber, rapasiada! . . . (*Sae correndo.*)

1.º MASCARA.—Fomos empulhados! Oh! que tratante! . . .

2º MASCARA.—(*Gritando.*) Pega n'elle, pega n'elle! . . .

TODOS.—Pega, pega! (*Todos gritam e correm atraz do velho. A scena fica vasia.*)

## SCENA TERCEIRA

DR. MATHEUS E MANOEL.

DOUTOR.—(*Da esquerda apressado.*) Então, Manoel, sabes alguma cousa? . . .

MANOEL.—(*Que tem entrado da direita.*) Por ora, nada, meu amo.

DOUTOR.—Oh! Maria, minha filha! . . . A tua imprudencia talvez te seja funesta! Que hei de fazer, meu Deus?!

MANOEL.—Não se desespere, meu amo; havemos de enconral-a! . . .

DOUTOR.—Como? No meio d'esta multidão que se

acotovella e aberta por todos os lados? ! Como encontrar n'este inferno, uma moça inexperiente, exposta a mil perigos, a mil insultos, sem ter uma pessoa que a defenda e a conduza? !...

MANOEL. — Eu não acho muito difficil, e apenas avistar sua neta.....

DOCTOR. — Pobre Amelia! Oh! Manoel, tu és o culpado do que acontece!... Podias, devias ter evitado esta sahida!....

MANOEL. — De que fórma, meu amo?.. D. Maria mandou chamar um carro e ao entrar n'elle com sua neta, disse-me: quando meu pai chegar e perguntar por mim, diz-lhe que eu fui vêr meu marido; e o carro partio. Vesti-me á toda a pressa, e fui dar parte a meu amo. E' tudo quanto pude fazer.

DOCTOR. — Oh! Manoel, isto é horrivel!... (*Ouvem-se gritos dentro. Passagem, passagem.*) Ahi vem uma sociedade carnavalesca!.. Eu fico aqui. O camarote que aluguei é aquelle. Corre por toda a parte, que não te escape um canto, e vem socegar o coração afflicto de teu amo.

MANOEL. — Fique descansado. Se ella estiver no baile, eu hei de encontral-a por força. (*Sahe a D. correndo. Doutor sahe.*)

#### SCENA QUARTA

DOCTOR, ANGELINA, JULIO, FIRMINO, JOAQUIM PATO.  
EUFRASIA, JOANNA, CUSTODIA E MASCARAS

TODOS. — Passagem, passagem!...

(*Grande numero de mascaras invade a scena. Na frente vem uma banda de musica, segue-se um porta-estandarte todo preto, traz um esqueleto pintado em posição grotesca,*

tendo a seguinte inscripção em francez :— E' preciso acabar para começar. — Segue-se uma pequena ala de mascararas que choram comicamente. Aparece Angelina n'um rico palanquim, luxuosa e extravagantemente vestida, a outra ala de mascararas a acompanha de velas espetadas em garrafas. Estes mascararas são: Julio, Firmino, Joanna e Eufrasia. Na frente Joaquim Pato vestido de bailarina, dando o braço a D. Custodia, que está vestida de homem. Depois de algumas voltas, o cortejo pára, ficando Angelina no centro, rodeada pelos mascararas, tendo Julio á esquerda e Firmino á direita. Custodia e Joaquim Pato na frente do palanquim. Na entrada ha fogo de bengala, etc., etc.)

FIRMINO.— Alto frente ! (a Angelina.) Excelsa soberana, os vossos humildes subditos aguardam respeitosos as vossas ordens. O' Pato, comprimenta a nossa rainha.

J. PATO.— Já lhe disse que não me chame pelo nome ! E' forte birra !...

FIRMINO.— Não te zangues, mancebo. O nome é uma voz com que se dá a conhecer as cousas, e Pato não é ccusa, nem pessoa.

J. PATO.— E' o diabo que o carregue. Não faz senão praticar inconveniencias !...

FIRMINO.— Não digas tolices, minha sylphide ligeira. Imita o teu cavalheiro. Está mudo como um frade de pedra.

CUSTODIA.— (Zangada.) Não se metta commigo, Sr. Firmino !... Ora bem, eu estou calada !...

FIRMINO.— Admirem o espirito d'este mascara. Vejam como elle nos *disfructa* ! Não se contentou em mudar de sexo !... tomou a gravidade do melão; está calado !....



TODOS.— (*Rindo.*) Ah !... ah !... ah !...

CUSTODIA.— Eu bem disse á Lindinha que não queria vir a semelhante pagode ! Se o Sr. Firmino continuar, não respondo por mim. Eu já não estou boa !...

FIRMINO.— (*Gritando.*) Um medico, um medico á toda apressa !...

DOCTOR.— (*Apparecendo.*) Aqui estou eu, em falta de outro. (*Procura nos diversos grupos.*)

JULIO.— (*A parte.*) O Dr. Matheus ? !...

TODOS.— Oh ! Doutor, seja bem apparecido !...

FIRMINO.— Então, V. S., tambem gosta do carnaval ?... Aposto que já dançou o seu *kankan* ?...

DOCTOR.— Não, gosto mais de ver dançar os outros.

FIRMINO.— Então, espere que vai divertir-se á grande.

DOCTOR.— Creio, creio.

EUFRAZIA.— Então ficamos aqui ? Isto já é maçada ! . . .

JOANNA.— Se foi para isto que me phantasiei. . .

FIRMINO.— Silencio nas fileiras ! . . . Quem póde ainda não fallou. Altiva soberana a vossa tropa está em alarma ! . . . Que ordenaes ? . . .

ANGELINA.— (*em pé sobre o palanquim*) Folia e loucura ! Seja este o nosso grito de guerra ! . . . Poucas palavras e muitas obras !... Champagne em profusão ! A embriaguez da walsa, o delirio das quadrilhas, extravagancia de idéas ; saltar, pular, gritar até rebentar os pulmões !... O Excellentissimo Sr. Firmino do meu conselho, ministro e secretario dos negocios de estado, assim o tenha entendido e o faça executar.—Eia, partamos, á folia, á loucura ! . . .

TODOS.— A' folia, á loucura ! . . . (*Musica. Desfila o*

*prestito na mesma ordem e saem todos pela D. ; menos o doutor.*

### SCENA QUINTA

DOCTOR.—(só) Loucos! loucos, que assim estragaes o melhor tempo da vossa vida! Mocidade inexperta, que confundis tudo, comtanto que o vosso prazer se satisfaça! . . . As minhas palavras n'este momento vos fariam rir, e no entanto, ellas são a fiel traducção dos vossos sentimentos! O que é hoje um baile de mascarar? O que fizeram d'este divertimento que tanto nos agradava outr'ora? Mudaram tudo! Da dança fizeram uma immoralidade, do espirito um insulto, da graça um deboche, da intriga carnavalesca um peloirinho, em que se amarram desbragadamente todas as reputações! . . .

Hoje o baile de mascarar a que não presidir vinte embriagados e dez cabeças quebradas, não presta; é frio, morto, precisa reinar o descaro, a embriaguez, a lucta corporal, para que certa roda possa gritar satisfeita: Bravo, viva, isto sim, é que é divertido! Viva o carnaval! . . .

### SCENA SEXTA

DOCTOR e JULIO

JULIO.—Doutor eu o procurava.

DOCTOR.—Aqui estou.

JULIO.—Desejava saber se o senhor continúa na mesma opinião! . . .

DOCTOR.—Sempre.

JULIO.—Nunca mais verei minha filha? . . .

DOUTOR.—Nunca mais.

JULIO.—Porém, doutor reflecta. . . este estado de cousas não póde continuar. Eu sou pai e posso exigir . . .

DOUTOR.—Exigir, o que ?... Sua filha ?... Ella morreu no dia em que o senhor insultou sua mãe ! essa pobre martyr que o amava com todas as veras de sua alma ! Sua filha morreu para o senhor, e resuscitou nos meus braços, d'onde ninguem a poderá arrancar.

JULIO.—O senhor não tem coração. E' pai, e vem afoitamente dizer a outro pai : eu não quero que vejas mais tua filha.

DOUTOR.—Pai !... Não o conheço como tal. O senhor está representando commigo uma farça carnavalesca ! Isto é realmente para rir !...

JULIO.—Oh ! não, doutor... Eu amo muito a minha pequena Amelia. Se soubesse o que tenho soffrido !... Ha dois mezes que a não vejo.

DOUTOR.—Não podia achar um lugar mais proprio, nem um figurino mais elegante para fazer tal declaração !... E' pena que não viesse em companhia do seu amigo Firmino.

JULIO.—O senhor é o unico culpado de tudo. Todas as vezes que o procuro, evita-me ; e nos poucos momentos que lhe tenho fallado n'este assumpto, tenho sempre encontrado a recusa nos seus labios.

DOUTOR.—No dia em que o senhor fôr digno de minha filha, eu lhe restituirei a sua

JULIO.—Estou prompto a recebê-la. Sühiremos do Rio de Janeiro, esqueço tudo, com tanto que eu veja minha filha !... Garanto-lhe que não terá que arrependê-se. Juro-lhe, que mudarei de vida, serei outro.

DOUTOR.—Esquecer-se, de que?... Maria é innocente, deve saber-o. E' a ella que cumpre esquecer e não ao senhor; se em tudo isto ha uma victima, é ella, é esse pobre coração torturado pelo seu abandono e esmagado pelo seu desprezo. Não queira reproduzir aqui a fabula do lobo e do cordeiro.

JULIO.—Pois sim, sim, doutor, tem razão. Estou prompto a tudo, que mais quer ?...

DOUTOR.—A certeza de que o senhor saberá ser pai e marido.

JULIO.—Eu o juro.

DOUTOR.—Não acredito.

JULIO.—O meu futuro comportamento lh'o mostrará.

DOUTOR.—Pelo que vejo no presente, não me parece que será grande coisa.

JULIO.—Doutor, eu lhe supplico.

DOUTOR.—Não.

JULIO.—Tenha compaixão de meu estado.

DOUTOR.—Não.

JULIO.—Bem. E' a ultima vez que lhe peço. O Senhor será o responsavel do que vai acontecer. Preciso matar as saudades de minha filha? Vou continuar na orgia!... Preciso esquecer-me da minha querida Amelia?... pois bem, vou beber, beber até cair, beber, até não sentir mais este espinho agúdo que se enterra no meu coração!... Beber, até a loucura! Beber, até confundir estas lagrimas, com as gotas da ultima garrafa de champagne! Adeos, adeos. (*sae em lagrimas.*)

DOUTOR.—Se fosse possivel?!.. Qual.... Tratemos de procurar minha filha! Oh! Maria, Maria!... (*entra no camarote ouve-se tocar uma polka.*)

SCENA SETIMA

1.º e 2.º RAPAZES E UM DOMINÓ

DOMINÓ.—Com effeito ! Nem esta polka os fascina !... juraram acompanhar-me toda a noite ?...

1º RAPAZ.—Até ao fim do mundo.

DOMINÓ.—E' muito longe.

2º RAPAZ.—Nesse caso, bello mascara, indica-nos a tua morada.

DOMINÓ.—Curioso !...

1º RAPAZ.—E como não ser assim, diante de tanta graça, de tanta elegancia ?...

2.º RAPAZ.— Diz ao menos o teu nome.

DOMINÓ.—Não fui baptisada.

1º RAPAZ.—Eu te servirei de padrinho.

DOMINÓ.—Tenho medo d'agua fria.

2º RAPAZ.—Nós te baptisaremos em ondas de champagne. Anda, vem, vamos começar a cerimonia.

DOMINÓ.—Oh ! basta, basta ! Eu sou fraca, e creio que quatro garrafas já é sufficiente !...

1º RAPAZ.—Ainda que fossem doze.

DOMINÓ.—Oh ! não, não !.. Os senhores são por demais graciosos e eu não quero abusar.

1º RAPAZ.—Venha ao menos ceiar connosco.

DOMINÓ.—Depois dos sorvetes e doces com que os senhores me teem obsequiado, seria um impossivel !...

2º RAPAZ.—Oh ! não, interessante dominó, não recusarás. Nós ceiaremos mais tarde, quando quizerdes. Dá-nos a esperanza de ainda hoje vermos este rosto. que deve ser delicado e tentador !... Essa cabeça, que deve ser admiravel.

1º RAPAZ.—Queremos admirar a tua formosura, queremos ouvir a tua voz, que deve ser maviosa como a flauta, e sorver o teu halito, que deve possuir com certeza, o perfume das mais delicadas flôres !...

2º RAPAZ.—Queremos beijar esta mão, que deve ser macia como um velludo de seda! (*Beija-lhe a mão.*)

1º RAPAZ.—Cobrir de beijos estas unhas còr de rosa. (*Beija.*)

DOMINÓ.—E se eu fôr feia ....

OS DOIS.—Qual !...

DOMINÓ.—Se eu fôr vesga ?...

OS DOIS.—Qual !...

DOMINÓ.—Se eu fôr uma velha ?...

OS DOIS.—Qual !...

DOMINÓ.—Quem sabe ? !...

2º RAPAZ.—Sei eu. Tu deves ser um anjo, adivinha-se; deves ser seductora. O teu andar, a tua voz, o teu porte, são os teus primeiros denunciantes ?

1º RAPAZ.—Não precisa inventar a polvora para se conhecer, que tu, és uma d'essas creaturas, capazes de perder a humanidade masculina !...

DOMINÓ.—Oh ! senhores, eu não desejo perder ninguém !...

2º RAPAZ.—Porém, quem póde resistir, quem póde vêr-te, sem ficar perdido ?...

1º RAPAZ.—Ninguém. Pela minha parte estou decidido a tudo. Dize uma palavra e eu serei teu para toda a vida.

2º RAPAZ.—E eu, até a morte.

DOMINÓ.—Oh ! os senhores são muito amaveis !... não sei como pagar tantos favores.

1º RAPAZ.—Deixa-nos vêr o teu rosto.

2º RAPAZ.—E' bastante levantar um pouco a seda da mascara.

DOMINÓ.—Oh! não, eu sou decidida; ou tudo ou nada. Fazem muito empenho em vêr o meu rosto ?..

1º RAPAZ.—Ainda o perguntas !..

2º RAPAZ.—Dou a vida por isso.

DOMINÓ.—Pois vou satisfazel-os.

OS DOIS.—Finalmente !..

DOMINÓ.—Porém, peço a ambos, que guardem o mais inviolavel segredo ! sou muito conhecida e podem comprometter-me.

1º RAPAZ.—Dou-lhe a minha palavra de honra.

2º RAPAZ.—Descance, eu sou um cavalheiro.

DOMINÓ.—N'esse caso, cheguem-se para aqui, bem perto. Vejam. (*Tira o capuz e a mascara. E' um homem completamente barbado.*)

1º RAPAZ.—(*fugindo para a E.*) O? diabo! é um portamachado !.. (*sae.*)

2º RAPAZ.—(*o mesmo*) E' o sargento do meu batalhão ! safa ! (*sae.*)

DOMINÓ—(*rindo*) Ah ! ah ! ah !.. Então fugiram ? e o champagne? Olhem que eu não fui baptisada ?.. (*sae.*)

## SCENA OITAVA

MARIA, AMELIA e LOGO o DOUTOR

MARIA.—(*com um dominó preto, conduzindo Amelia, que tambem vem fantasiada.*) Coragem, minha filha, coragem !..

AMELIA.—Oh ! eu não tenho medo. Eu quero ver papai, tenho tantas saudades d'elle !..

MARIA.—Sim, filha, nós o veremos. Dois minutos que sejam, é quanto basta. Minha pobre Amelia, deves estar fatigada! Temos andado tanto!... queres descansar?..

AMELIA.—Em quanto papai não apparecer, eu não descanso. Ao depois, sim. Vamos para casa e eu deito-me na minha caminha.

DOUTOR.—(*abrindo o camarote.*) Nada, nada, é impossivel encontral-a!...

MARIA.—Oh! minha filha, como tu és boa!...

AMELIA.—Não sou melhor do que mamãi.

DOUTOR.—(*percebendo as duas.*) Esta voz! aquelle dominó! Oh! o coração m'ò advinha, é ella! (*chama*) Maria?

MARIA.—(*voltando-se.*) Meu pai!

AMELIA.—Vovô!

DOUTOR.—(*abraçando-as.*) Até que em fim! Oh! deixa-me respirar; eu tinha um peso enorme sobre o peito.

MARIA.—Perdão, meu pai; eu sabia que o havia de affligir muito.

DOUTOR.—Sim filha, a tua imprudencia foi extrema!. Só no meio d'esta multidão, que nada respeita, nada attende; entre a embriaguez e a devassidão, por certo que a passagem da tua dôr, havia de fazer uma triste e perigosa figura.

MARIA.—Oh! meu pai, eu amo meu marido. A minha consciencia grita bem alto elle despresou-te, insultou-te, foi depositar todas as suas caricias no seio de uma mulher perdida;—porém o meu coração diz-me baixinho: elle é o pai de tua filha, é teu marido, ama-o. Podem-me querer mal por isso?... E' possivel que o mundo esteja em tal estado, que se ria



da mulher casada quando diz ; eu amo meu marido ? Será verdade, que elle despreze a mãe que procura o pai de sua filha ? Oh ! não, não !... esta sociedade é christã, e para cuspirem cima de meu martyrio, é necessario ter esquecido as dôres d'aquella que vio seu filho morrer no cimo do calvario !...

DOUTOR.—Maria, tu não conheces o mundo. Poucos são aquelles que conhecem a divina verdade. A sociedade está sempre disposta a rir de todos e de tudo. O escandalo é o seu idolo. Ah, da creatura que tiver de ser sacrificada no seu altar ! O fogo da calumnia a deixará em pouco tempo reduzida a cinzas !... Os perigos a que te acabas de expôr são terriveis ! Voltemos para casa, Maria, não percamos um minuto.

MARIA.—Não meu pai, perdôe-me, mas eu quero ver meu marido.

AMELIA.—Eu quero ver papai.

DOUTOR.—Isso é impossivel ! Maria, é impossivel !...

MARIA.—Estou resolvida a tudo : supportarei todos os insultos, porém ei-de vê-lo, meu pai !

DOUTOR.—Tu não pôdes comprehender o que se está passando aqui dentro... Julio...

MARIA.—Sei tudo, não importa. Volo-hei de longe, elle não me conhecerá e depois voltaremos para casa. Oh ! meu pai, tenha compaixão das minhas lagrimas ; bem vê, eu não sou culpada.

DOUTOR.—Porém, reflecte, que Julio está em companhia d'essa mulher e que não pôdes ser testemunha das scenas que se vão passar.

MARIA.—Já lhe disse, meu pai, estou resignada. Soffrerei tudo, comtanto que o veja. Não negue este favor a sua filha, não queira vêr-me morrer desesperada !...

DOUTOR.—Vou satisfazer-te. E' essa a tua vontade : pois bem vaes tragar até a ultima gota do calix da tua amargura. Nem de proposito, ahi vem Julio. Entremos no meu camarote. Tu assim o quizeste, Maria ; prepara-te, porque vâes soffrer muito !

MARIA.—Oh ! meu pai, o martyrio já não me assusta ! (*entrão no camarote*.)

## SCENA NONA

JULIO e FIRMINO

FIRMINO.—(*dando o braço a Julio.*) Que diabo ! não fazes senão tolices ! segura-te nas pernas, faz como eu. Estou á bulina, mas não perco o rumo. Isto vai da falta de costume, mas não tem duvida, eu me encarrego de completar a tua educação !...

JULIO.—(*meio embriagado.*) Oh ! a minha cabeça, a minha cabeça !...

FIRMINO.—Está em cima dos teus hombros : pareces parvo !... Olhem só para isto ! queres que te mande levar a casa ?

JULIO.—Não. não... quero beber... quero beber mais... preciso beber muito...

FIRMINO.—Isso agora é toleima !... Tu já não podes com o que por lá anda, como é que pedes mais ?... Já tens a tua dóse menos má. Contenta-te com isso, olha que não é pouco.

JULIO.—Oh ! eu tenho sêde, muita sêde...

FIRMINO.—Pois bebe agua, é bom para refrescar a parede.

JULIO.—Oh ! sinto estalar-me a cabeça !...

FIRMINO.—E' sempre assim, quando se começa; depois, o costume faz lei. Olha, senta-te aqui, (*vae buscar uma cadeira*) descansa, eu vou dizer a Angelina o teu estado e veremos o que ella decide. Não faças tolices; olha que isso não é para gente do bom tom !... Eu já volto. (*Sáe.*)

### SCENA DECIMA

JULIO só E LOGO MARIA, AMELIA E O DOUTOR

JULIO.—Sim, sim... Angelina... Oh ! eu soffro muito !... Levem-me d'aqui, eu suffoco ! Ha aqui alguma cousa que me queima as entranhas !... Onde estou eu ?... Não me lembro. Oh ! eu não posso mais soffrer este supplicio !... Estarei sonhando ? estarei vivo ?... Será realidade tudo quanto sinto ?... Oh ! sim, sim !... é o castigo ! Aqui embaixo é o inferno ! Lá está emcima o meu filhinho, pedindo-me que o abençoê; e eu não posso fazer, porque elle não me ouvirá de tão longe !... Oh ! mas resta-me a minha filha !... Eil-a aqui ! Vem, Amelia, vem abraçar teu pai !... Ella foge !... tem medo de mim ! e porque ?... Agora comprehendo tudo ! Ella foge, não me attende, porque a mascara da embriaguez me tornou completamente desconhecido ! (*Cáe na cadeira e adormece*) Estou bebado ! (*Surdina.*)

DOUTOR.—(*Abrindo de vagar a porta do camarote e conduzindo Amelia pela mão, que se ajoelha ao pe de Julio.*) Aqui tens teu pai, Amelia. (*Vae buscar Maria, que ajoelha do outro lado.*) Aqui tens teu marido, minha filha !

MARIA.—(*Beijando-lhe a mão.*) Oh! Julio, Julio!...

AMELIA.—(*fazendo o mesmo.*) Mamã, o papai está com a mão tão fria!...

DOUTOR.—Santa e sublime resignação! Bello quadro, na verdade! Creio que para uma noite de carnaval, não se poderia encontrar outro melhor!...

JULIO.—(*sonhando.*) Maria... Maria...

MARIA.—Elle chama por mim, meu pai!

DOUTOR.—Silencio, filha!...

JULIO.—(*Continuando.*) Amelia... Amelia...

AMELIA.—Papai! (*Pára a surdina.*)

DOUTOR.—Oh! se elle desperta, está tudo perdido! Vem, Amelia, vem. (*Leva-a para o camarote.*) Vamos, Maria, evitemos qualquer escandalo!...

MARIA.—Elle parece soffrer, meu pai!... está tão pallido!... seria crueldade deixal-o n'este estado!...

DOUTOR.—Qualquer imprudencia pôde-nos ser fatal!...

MARIA.—Ninguem virá, meu pai, e se vier, com o rosto occulto n'esta mascara, ninguem me conhecerá.

DOUTOR.—Não te posso satisfazer; o perigo é eminente!

MARIA.—Pois bem, deixe-me abraçal-o ainda uma vez, e volto para o camarote.

DOUTOR.—Seja. (*Maria vae abraçal-o e quando se volta apparece Angelina.*)

MARIA.—(*Dando um grito.*) Ah!... (*foge para o camarote, Angelina quer seguil-a.*)

DOUTOR.—(*Impedindo-a*) Eu o tinha previsto!...

SCENA DECIMA PRIMEIRA

DOUTOR E ANGELINA

ANGELINA.—Quem é esta mulher, doutor ?...

DOUTOR.—E o que tem a senhora com isso ?...

ANGELINA.—O que tenho ?... Essa pergunta é divertida !... Vejo uma mulher abraçar o meu amante, e o doutor pergunta-me o que tenho ?...

DOUTOR.—Nada mais natural. Desejo saber quaes são os direitos que tem para fazel-o ?...

ANGELINA.—Nesse caso, o doutor mudou de profissão.

DOUTOR.—Que diz ?

ANGELINA.—Deixou de ser medico para ser presentemente...

DOUTOR.—Acabe.

ANGELINA.—A terceira pessoa do singular, do modo indicativo do verbo.

DOUTOR.—Encontrou essa novidade, no fundo da ultima garrafa que esvasiou ?...

ANGELINA.—O doutor é um cavalheiro. A sua resposta, prova, que não se esqueceu que fallava a uma mulher !...

DOUTOR.—Um homem não teria, por certo, acabado a phrase.

ANGELINA.—Nesse caso, vejo que me enganei e peço-lhe desculpa.

DOUTOR.—Já o tinha feito antes. No seu estado, era desnecessario pedir.

ANGELINA.—Deixe-me vêr o seu gosto. Ora, quem

havia dizer !... O doutor n'esta idade, e ainda fazendo conquistas !...

DOUTOR.—Angelina !

ANGELINA.—O que é, doutor ?... Zangou-se por isso ?... A sua amante deseja guardar o incognito ?...

DOUTOR.—Nem mais uma palavra.

ANGELINA.—Porque ?...

DOUTOR.—A senhora não sabe o que está dizendo, saia.

ANGELINA.—Sem levar a certeza de quem é a mulher que está no seu camarote... Oh ! isso não !...

DOUTOR.—Não me faça perder a cabeça ! A mulher que ali está não póde ser minha amante.

ANGELINA.—Então quem é ?... Isto aguça ainda mais a minha curiosidade. Ella que tire a mascara, que venha para perto de nós. Ha de ser bem recebida. Queremos ver esse sól de formozura.

DOUTOR.—A mulher que ali está, não é um sól de formozura, é apenas uma luz brilhante de virtudes, cujos raios, não podem reflectir-se no seu charco immundo ! E' tudo quanto lhe posso dizer ! (*entra no camarote e fecha a porta.*)

ANGELINA.—Inferno ! eu hei de saber por força !... (*vendo Firmino.*) Chegas a proposito, Firmino.

## SCENA DECIMA SEGUNDA

FIRMINO, ANGELINA, JULIO, E LOGO O DOUTOR

FIRMINO.—Tenho-te procurado por toda a parte. A sociedade quer retirar-se, e é preciso fazeres o discurso de despedida.

ANGELINA.—Vou já. Acorda Julio, e procura saber

a todo custo quem é a mulher que está no camarote do Doutor.

FIRMINO.— Olá, temos mysterios ! estou nas minhas sete quintas !... Não me acho muito em estado de fazer d'essas diligencias : mas, emfim, até onde fôr possível....

ANGELINA.— Custe o que custar. Eu conto cõtigo. (Sae.)

FIRMINO.— Vá descansada excelsa soberana. O seu ministro cumprirá as suas ordens. (A Julio.) Eh lá, pum !... dorminhoco ! Então não ouviste o tiro de peça ?.... Leva arriba !

JULIO.— (Acordando.) Quem me chama ?

FIRMINO — Eu, olha que já são horas. Vai ter com Angelina. A sociedade vai retirar-se.

JULIO.— (Sahindo.) Oh ! sim, sim ; levem-me d'aqui, levem-me d'aqui !... (Sae.)

FIRMINO.— (Só.) Ora agora, vamos á nossa empresa ! Com os diabos ! é mais difficil do que eu pensava !... Porta fechada ! Vejamos pelo buraco da fechadura.... (vai espiar, n'este momento o Doutor abre a porta rapidamente, e dá-lhe com ella na cara.)

### SCENA DECIMA TERCEIRA

DOUTOR, FIRMINO, ENLOGO MARIA E AMELIA

DOUTOR.— Deseja alguma cousa ?

FIRMINO.— Safa ! não está máo acolhimento ! quasi me parte a cabeça !....

DOUTOR.— Não sabia que estava agora empregado na policia ! O cargo de espião deve ser rendoso !....

FIRMINO.— Acredito ; mas não se trata agora d'isso. O Doutor sabe perfeitamente o que é um baile de mas-

caras! E' tudo confusão. Uma mulher que vinha com-nosco desapareceu, e eu ando á procura d'ella.

DOUTOR.— No meu camarote?....

FIRMINO.— Sim. Pareceu-me descobrir ha pouco, quando estava no salão.

DOUTOR.— Tem certeza d'isso?...

FIRMINO.— Quasi.

DOUTOR.— Olhe que se engana.

FIRMINO.— Não será muito facil.

DOUTOR.— Pois eu garanto-lhe que se engana. Não tenho ninguem no meu camarote.

FIRMINO.— (*Querendo entrar.*) Deixe-me ver.

DOUTOR.— (*Impedindo-o.*) Para traz. Já lhe disse que o meu camarote está vasio!....

FIRMINO.— Oh! o Doutor me illude! Tem allí a pessoa que procuro. E' uma mulher com quem eu fiz despezas, e tenho todo o direito ...

DOUTOR.— (*Agarrando-o pela garganta.*) Miseravel!...

FIRMINO.— Se lhe parece, mate-me!.... E' essa a sua profissão. Traz a betica no bolso?....

DOUTOR.— Para os leprosos da tua laia, eu trago a receita prompta. (*Tira um revolver e aponta-lh'o.*)

MARIA.— (*Sahindo do camarote a correr e segurando o braço do Doutor.*) Ah!....

DOUTOR.— Ella! !...

FIRMINO.— Fmfm!

DOUTOR.— (*Tomando Maria pela mão depois de ter guardado o revolver.*) Era esta a mulher que procuravas?..

FIRMINO.— Julgo, porém de mascara — não posso afiançar.

DOUTOR.— Pois certifica-te. Aqui a tens, vê se a conheces. (*Tira a mascara de Maria.*)

FIRMINO.— (*Como aterrado!*) Ah!....



DOUTOR.— Então que esperas ?

FIRMINO.— Perdão, perdão !...

DOUTOR.— (*Fazendo-o curvar.*) Curva-te diante da tua victima, infame !... e fuge, fuge d'aqui, senão que- res que te faça saltar os miolos !...

(*Firmino vai a fugir para o lado direito e encontra-se com Amelia, que tem sahido do camarote, já sem mascara.*)

AMELIA.— (*Conhecendo-o.*) Olha o ladrão da minha boneca !

FIRMINO.— Safa ! por esta não esperava eu !... (*foge.*)

DOUTOR.— Aqui tens, Maria, as consequencias do teu passo.

MARIA.— (*Abraçando-o.*) Oh ! meu pai, meu querido pai !...

VOZES.— (*Dentro.*) Attenção, attenção; silencio !

ANGELINA.— (*Dentro, em tom de discurso.*) Meu povo, a hora acaba de soar, devemos partir. E' preciso justificar a nossa divisa: *Il faut finir pour commence.* Isto é francez e quer dizer: E' preciso acabar para começar. Fallo para quem me entende. Antes, porém, devemos fazer as nossas despedidas. Viva o carnaval !...

VOZ S.— (*Dentro.*) Viva !...

ANGELINA.— Viva o prazer !

TODOS.— (*Dentro.*) Viva !...

ANGELINA.— Vivam todos aquelles, que... Ah !... (*Ouve-se um grito horrivel e o baque de um corpo que tomba.*)

DOUTOR.— Que será isto ?...

AMELIA.— Mamã !

MARIA.— Deos nos acuda ! (*Entra no camarote com Amelia. Gritos dentro—um medico, um melico.—A scena enche-se de povo e mascaras.*)

SCENA ULTIMA

TODOS OS PERSONAGENS, a excepção de FIRMINO

TODOS.—Que desgraça ! que desgraça !

DOUTOR.—O que foi, o que aconteceu ?...

1º MASCARA.—Angelina quiz fazer um discurso em cima do parapeito de um camarote da 2ª ordem, perdeu o equilíbrio e cahio no meio do salão. Trazem-n'a para aqui. Veja se a pôde soccorrer, doutor...

*(Surdina. Musica do baile de mascarar. Angelina entra carregada por outros mascarar e sentam-n'a em uma cadeira no meio da scena.)*

DOUTOR.—*(Examinando-a.)* Não ha mais nada a fazer. Dentro em pouco será cadaver !....

ANGELINA.—*(Com voz quasi extincta e agonisante.)* Oh ! eu não preciso de medico ! quero um confessor... não podia encontrar outro melhor !... Ouçam todos, todos !... A minha confissão será publica ! Doutor, eu calumniei sua filha... aquella carta que me confiou, eu a dei a Firmino, para melhor perdê-la no conceito de Julio....

DOUTOR.—E' possível ?...:

JULIO.—Oh ! quanta perversidade !

ANGELINA.—Vou morrer !.... peço perdão do que fiz !....

JULIO.—*(Cobrindo o rosto.)* Oh !... *(Ouve-se em um sino o signal para o galope infernal.)*

ANGELINA.—*(Levantando-se com esforço.)* Que é isto, Doutor ? São os sinos da minha agonia ?...

DOUTOR.—Não, não ; é o baile que termina.

ANGELINA. — (*Expirando.*) O baile?... o baile?... sim.... sim.... é o meu galope final.... é o meu carnaval que expira!..... (*Morre.*)

JULIO. — Misera! Que Deus te perdôe, assim como eu te perdô-o! E tu, Maria, quando me perdoarás?...

MARIA. — (*Apparecendo com Amelia da extrema direita e tirando a mascara.*) Estás perdoado!....

JULIO. — (*Admirado.*) Tu?! (*Cae de joelhos.*)

MARIA. — Silencio!.... (*A orchestra rompe o galope infernal.*)

(*Cáe o panno.*)

FIM

## A' VENDA

### NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

Rua de S. José 75—Rio de Janeiro

#### THEATRO MODERNO LUSO-BRAZILEIRO

*Collecção de comédias, dramas e scenas cómicas*

N. 1. Como os anjos se vingão, drama em 1 a., de Camillo C. Branco, 1\$.—2, Embrulhadas de amor, comédia em 1 a., 640.—3, O Dr. Gramma, c. em 2 a., 1\$.—4, O diabo a quatro em uma hospedaria, c. em 1 a., 1\$.—5, Cegueira ou bebedeira, scena comica, 400.—6, Um marido que é victima das modas, c. em 1 a., 1\$.—7, Ah! cómo eu sou besta, s. c. de F. C. Vasques, 500.—8, Um par de mortes, ou a vida de um par, calembourg, 1\$.—9, O diabo no Rio de Janeiro, s. c. de Vasques, 500.—10, O Sr. Domingos fóra do sério, s. c. de Vasques, 500.—11, Meia hora de cynismo, c. em 1 a., 1\$.—12, As duas bengalas, c. em 1 a., 1\$.—13, Dous genios iguaes não fazem liga, c. em 1 a., 1\$.—14, A afilhada do barão, c. em 2 a., de M. Leal, 1\$500.—15, O menino Mõnclar, s. c. de F. Vasques, 500.—16, O diabo atraz da porta, c. em 1 a., 640.—17, Os ratões da época, c. em 1 a., 640.—18, A espadella da, c. em 1 a., de Costa Llima, 640.—19, As pitadas do velho Cosme, s. c. de Vasques, 500.—20, Os namorados da Julia, s. c. de F. C. Vasques, 500.—21, Uma criada impagavel, c. em 1 a., 640.—22, Os dous ou o inglez machinista, c. em 1 a., 1\$.—23, Um quarto com duas camas, c. em 1 a., 500.—24, Quasi que se pegã, c. em 1 a., 640.—25, Amor e honra, dr. em 2 a., 1\$.—26, Perdão d'acto em prespectiva, c. em 1 a., 1\$.—27, Dous pescadores, c. em 1 a., 640.—28, Judas em sabbado de Alleluia, c. em 1 a., 1\$.—29, O Juiz de Paz na Roça, c. em 1 a., de Penna, 1\$.—30, Rocamble no Rio de Janeiro, s. c. de Vasques, 500.—31, Os dous inseparaveis, c. em 1 a., 640.—32, O viveiro de Frei Anselmo, c. em 1 a., 1\$.—33, Effeitos do vinho novo, scena comica, 500.—34, Como se perde um noivo, c. em 1 a., 640.—35, Um devoto de Bacco, s. c. de X. Novaes, 400.—36, Casar ou metter freira, c. em 1 a., 640.—37, Affronta por affronta, dr. em 4 a., 1\$.—38, A bengala, scena comica, por Eduardo Garrido, 500.—39, A festa na roça, c. em 1 a., por Penna, 1\$.—40, O actor, s. c. de F. Xavier de Novaes, 400.—41, O Beberrão, s. c. de F. C. Vasques, 500.—42, O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar, de Vasques, 500.—43, Justiça, dr. em 2 a., de Camillo C. Branco 1\$.—44, O meu amigo Banana, s. c. e mais Ratices do amigo Banana, c. 500.—45, Um por outro, c. em 2 a., 1\$500.—46, Cerração do mar, scena dr. 400.—47, Fui vêr a Gran-Duqueza, s. c. 500.—48, Dominus-tecum, c. em 1 a., 640.—49, Tchang-Tching-Bung, c. em 1 a., do Dr. A. de Castro, 1\$.—50, Por causa de um algarisino, c. original em 1 a., 1\$.—51, Tio Torquato, c. em 1 a., 1\$.—52, Um Leão de casaca, s. c. 400.—53, A costureira, c. em 1 a., 1\$.—54, Os dous mineiros na Córte, c. em 1 a., 1\$.—55, De noite todos os gatos são pardos, c. em 1 a., 1\$.

- CEZAR DE LACERDA, Cynismo, Scepticismo e Crença, c. dr. 2 a., 2\$; Os homens do mar, dr. 2\$; A probidade dr. 1\$500; Os homens que riem, c. 2\$; Homens e iéras, dr. 2\$; O Monarcha das Coxilhas, dr. 2\$; As mulheres de marmore, dr. trad. 2\$; Misterios sociaes, c. 2\$ e outros.
- AS DA S. JUNIOR, A noite de Natal, dr. de costumes portuguezes 4 a., 2\$, O empregario amante, s. com 500, O Amante de harmonias, s. c., 500; O Cib Godipan, c. 1 a., 1\$000.
- PAZOAL, A pupila dos negros Negros ou a força do sangue, dr. 2\$00.
- JOÃO F. DA CRUZ, Diabo, detunto Militar, c. 2 a., 2\$; Uma sessão de magnetismo ou a ameaça responde, c. 1 a., 1\$; Alvaro da Cinha ou o cavalleiro de Alcaerquibir, dr. 2\$; O louco d'Evora ou Portugal restaurado, dr. 2\$; Um phosphoro, c. 1 a., 1\$; Um brado em prol das bisnagras, s. c., 500; O anão e o corcundo, farça, 1\$000.
- FONSECA MOREIRA, Lagrimas perdidas, dr. 1 a., 1\$; Loucuras da mocidade, c. 1 a., 1\$; Trabalho e caridade, dr. em 1 prologo e 3 actos, 1\$500
- AUGUSTO DE CASTRO, Tchangan-Tching-Bung, c. 1 a., 1\$; Por um oculo! c. 1 a., 1\$; A Ilha das Cobras na vespera da descoberta do Brazil, desproposito em 1 a., 1\$; A Ninhada de meu sogro, c. 3 a., 2\$; Emquanto o diabo esfrega um olho, c. 1 a., 1\$000.
- ALMEIDA GARRETT, Fallar verdade a mentir, c. 1 a., 1\$; Fr. Luiz de Souza dr. 2\$; O Alfageme de Santarem, dr. 5 a., 1\$000.
- MACHADO DE ASSIS, Desencantos, c. 1 a., 1\$; Os deuses de casaca, c. 1 a., 1\$500; O caminho da porta c. 1 a., 1\$; O Protocollo, c. 1 a., 1\$000.
- ERNESTO CIBRÃO, Luiz, dr. 2\$000.
- BARTHOLOMEU DE MAGALHÃES, A Historia de um cosinheiro, s. c., 500; Um contraregra em apertós, s. c., 500; Amor Pharmaceutico, s. c., 500; O Sr. Bento dos Pontinhos, s. c., 500; Um concerto de Rabeca, s. c., 500; O caloteiro em calças pardas, s. c., 500; O Chico Frescata, marinheiro do brigue Amizade, s. c., 500; O mundo vai torto, s. c., 500; Não é caçoada não, s. c., 500; O Soldado n. 43, scenas de costumes militares, s. c., 500; Tudo no mundo é postigo, s. c., 500; O Tio Mathias pagando uma visita de amizade, s. c., 500; O Artilheiro, s. c., 500; As delicias do fadinho, duetto comico, 500; Na primeira qualquer cae, s. c., 500; Os dois priminhos, entre-acto comico, 500; O Quim e Sinhá Rosa, duetto comico, 500; O Romance de um louco; s. dramatica, 500; O Manel Escota entre as 10 e as 11, s. c., 500; O Nariz de folha, s. c., 500.
- OLIVEIRA VASQUES, O Gaúcho, s. c., 400; O Sr. Silveira em calças pardas, s. c., 400; O tio Brandão s. c., 400; O mestre Fagundes, s. c., 400; A procura d'um pai, s. c., 400; Os amores de cupido, s. c., 400; O Sr. Sá Progresso, s. c., 400; A Pomada cheirosa, s. c., 400.
- JOSE ROMANO, 29 ou honra e gloria, c. dr., de costumes militares, 1\$; Manél d'Abalada, s. c., 500.
- ALBUQUERQUE, O Velho Rabequista, s. c., 500.
- A. DUMAS, Lourencinho, dr. 5 a., 1\$500.
- ALARICO DE REZENDE, Por causa de um par de botinas, c. 1 a., 1\$; A falta de miudos, c. 1 a., 1\$; Por causa de meia pataca, c. 1\$; Dever e honra, dr. 2 a. 2\$000.
- PINHEIRO CHAGAS, Magdalena, dr. 4 a., 2\$; A Morgadinha de Val-Flor, dr. 1\$; Helena, c. 5 a., 2\$; A Judia, dr. 1\$500; Quem Desdenha... c. 1 a., 1\$000.
- THOMAZ ESPIUCA, Os voluntarios da honra, c. 2 a., 1\$500; A viuva do meu amigo, c. 1 a., 1\$000.
- PIMENTEL, A Negação da Familia, dr. 4 a., 1\$500.

Feb

20.

L.B.

